

# arqueologia

especial  
ABOBREIRA

NÚMERO DEZASSETE





Subsidiado pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis e Fundação Eng.<sup>o</sup> António de Almeida.

**Índice**

- 1 **Aboboreira: breve evocação ...**,  
por V.O. Jorge, da F.L.U.P. e do G.E.A.P.
- 5 **Campo Arqueológico da Serra ...**,  
por V.O. Jorge
- 27 **O núcleo megalítico de C. Matos**,  
por I. Figueiral e M. Moreira, do G.E.A.P.
- 40 **O núcleo megalítico da Abogalheira**,  
por E.J.L. da Silva, da Univ. Portuc. e do G.I.A.N., e A.L. Cunha, do S.R.A.Z.C. e do G.I.A.N.
- 44 **Escavação da Mamoa de Igrejinhas ...**,  
por J. Cleto e S. Faro, do G.E.A.P.
- 58 **Escavação da Mamoa da Touta ...**,  
por A.A.H.B. Gonçalves, da F.C.U.P. e do G.E.A.P.
- 73 **Sondagens arqueológicas na Mamoa 1 de Chã de Parada ...**,  
por V.O. Jorge e A. Bettencourt, do G.E.A.P.
- 119 **As pinturas rupestres da Mamoa 3 de Chã de Parada ...**,  
por O. Sousa, do S.R.A.Z.N. e do G.E.A.P.
- 121 **Datas de Carbono 14 ...**,  
por V.O. Jorge
- 125 **O povoado da Lavra (Marco de Canaveses)**,  
por M.J. Sanches, da F.L.U.P. e do G.E.A.P.
- 134 **O povoado da Bouça do Frade ...**,  
por S.O. Jorge, da F.L.U.P. e do G.E.A.P.
- 137 **Castelo de Matos 1982-86**,  
por I. Figueiral e F.R. Queiroga, bolseiro da F. Gulbenkian
- 151 **Castro do Cruito**,  
por A.S. Pereira e C.M. González, do G.E.A.P.
- 159 **A ocupação medieval em C. Matos ...**,  
por M.J. Barroca, da F.L.U.P. e do G.E.A.P.
- 172 **Les conditions écologiques ...**,  
por J.-L. Vernet, do Lab. de Paleobotânica da Univ. de Montpellier (França)
- 175 **Os achados de origem vegetal ...**,  
por A.R. Pinto da Silva, da Est. Agronómica Nacional (Oeiras)
- 177 **Artefact materials from Aboboreira ...**,  
por D.K. Bailey, da Univ. de Reading (Inglaterra)
- 179 **Considerações de índole pedológica ...**,  
por R.P. Ricardo e M.V. Madeira, do Inst. Sup. Agronomia (Lisboa)
- 190 **Preliminary prehistoric research ...**,  
por L.G. Straus, da Univ. do Novo México (E.U.A.)
- 193 **O povoamento pré-histórico de Alpiarça ...**,  
por P. Kalb, do Inst. Arqueol. Alemão e M. Hock, do Inst. Sup. Tecnol. (Covilhã)
- 201 **Um punhal do Bronze Final ...**,  
por V.H. Correia, do S.R.A.Z.S.
- 204 **Epigrafia em Portugal ...**,  
por J. d'Encarnação, da F.L.U.C.
- 208 **Da datação à paleoclimatologia ...**,  
por A.J.C. Cruz, da F.C.U.L.
- 211 **Geoarqueologia - 1 ...**,  
por T.M. Azevedo e M. Cachão, da F.C.U.L.
- 215 **Estações e Monumentos:**  
**Castelo de Faria**, por C.A.B. de Almeida e O. Sousa
- 216 **Área arqueológica do Freixo**, por L.A.T. Dias
- 217 **Protecção do Património**  
**Correspondência**
- 218 **Museus**
- 219 **Instituições**
- 220 **Arqueólogos**
- 222 **Publicações Recentes**
- 223 **Notícias**
- 235 *Recortes*
- Extra-texto:** fichas de introdução à Arqueologia:
- Terraço**, por F. Real
- Aterense**, por A. Bettencourt
- Pintura Rupestre Pós-Glaciár No Norte de Portugal**, por A.M. Baptista
- Fojo (Noroeste de Portugal)**, por A.M. Baptista

# SONDAGENS ARQUEOLÓGICAS NA MAMOIA 1 DE CHÃ DE PARADA (BAIÃO, 1987)

por

Vítor Oliveira Jorge (\*)

Ana M.S. Bettencourt (\*\*)

"(...) o viajante não se sente atraído pelos lugares habitados. Não se detém em Baião, continua para norte, a par do rio Ovil, e num lugar chamado Queimada vê sinal de que há ali perto dólmenes. Sabe o viajante que não faltam no País construções destas, e, se agora não as fosse ver, não perderia ele nem perderia a viagem. Mas já foi dito que, na disposição em que vai, prefere os ermos, e este íngreme caminho que arranca pelo monte acima promete muito em silêncio e solidão. Ao princípio há pinhal, sinais de trabalho recente, mas o mato começa logo adiante. O caminho é uma tosca e arruinada carreteira, com profundos sulcos cavados pelas torrentes vindas do alto, e o viajante teme um acidente, uma avaria. Contudo, persevera, e tem a sua recompensa quando a ascensão termina num quase raso planalto. Os dólmenes não estão à vista. Agora é preciso avançar pelo mato dentro, há uns delgados carris que se interrompem, maneiras de negaça que o deixam perplexo. É um quebra-cabeças malicioso, traçado em monte deserto para obscuros fins. O viajante avança pelo mato, tem de encontrar a mina de ouro, a fonte milagrosa, e quando já lança pragas e imprecações (bem está que o faça neste cenário inquietante) vê na sua frente a mamoa, o primeiro dólmen meio soterrado, com o chapéu redondo assente sobre esteios de que só se vêem as pontas, é como uma fortificação abandonada. O viajante dá a volta, aí está o corredor, e lá dentro a câmara espaçosa, mais alto todo o conjunto do que pelo lado de fora parecia, tanto que o viajante nem precisa curvar-se, e de baixo nada tem. Não há limites para o silêncio. Debaixo destas pedras, o viajante retira-se do mundo. Vai ali à Pré-história e volta já, cinco mil anos lá para trás, que homens terão levantado à força de braço esta pesadíssima laje, desbastada e aperfeiçoada como uma calote, e que falas se falaram debaixo dela, que mortos aqui foram deitados. O viajante senta-se no chão arenoso, colhe entre dois dedos um tenro caule que nasceu junto de um esteio, e, curvando a cabeça, ouve enfim o seu próprio coração."

José Saramago, Viagem a Portugal  
(Lisboa, Ed. Caminho, s/d.), p. 34

## 0. INTRODUÇÃO

A Mamoa 1 de Chã de Parada, ou dólmen de Chã de Parada, como é geralmente conhecido, é o monumento



Fig. 1 — O dólmen de Chã de Parada numa fase inicial dos trabalhos. À esquerda, parte da Sanja Leste-A abrangendo o contraforte do corredor (muito alterado).

mais bem conservado do conjunto megalítico da Serra da Aboboreira, constituindo, por assim dizer, o seu verdadeiro "ex-libris". São muitas as reproduções que dele circulam, e inúmeras as referências que eruditos, viajantes, escritores e arqueólogos lhe têm feito ao longo do tempo. Situado à beira de uma estrada antiga, que atravessa o planalto superior daqueia "Serra", desde sempre terá atraído as atenções dos curiosos, e dos pesquisadores de "tesouros", os quais, se revolveram por completo o conteúdo do dólmen propriamente dito, parece não terem afectado grandemente a mamoa que o rodeia e que parcialmente o cobre.

As características que mais o tornam notório são as relativamente amplas dimensões do *tumulus* e da estrutura propriamente megalítica, o seu bom estado de conservação, o facto de se tratar de um dólmen de corredor (caso único na Aboboreira, até ao presente) e, também, a circunstância de ostentar gravuras bem nítidas em vários dos seus esteios. Como um dos monumentos megalíticos mais interessantes do nosso país, mereceu bem, pois, a sua classificação como monumento nacional em 1910.

Sem pretendermos ser exaustivos, iremos citar algumas das referências que lhe têm sido feitas.

(\*) Professor da Faculdade de Letras do Porto.

(\*\*) Professora do Ensino Secundário.

Nas "Memórias Paroquiais" de 1758 (t. XV, fl. 609) escreve-se: "(...) sey mais haver adiante da chamada Fonte do Mel em hũa planícia grande perto da estrada hũa cova com porta artificialmente de muytas pedras enteyras ao redor e por sima cobertas com hũa grande fraga, a qual não poderiam mover vinte homens de hoje e tem sua porta por onde se entra para a concavidade onde podem caber mais de vinte homens e dam a esta cova o appellido de Cova dos Ladrões." (1) As mesmas "Memórias Paroquiais" (t. XXVI, fl. 379) apresentam ainda a seguinte descrição do monumento: "Acha-se junto ao princípio desta sera (da Abobereira) hum fosso no citio chamado chão da Parada fabrica Arteficial cuja forma são pedras levantadas em altura mais de dés palmos a maneira de adoellas de hum tonel de que resultou huma periferia bastantemente ordenada, e da sumidade das ditas pedras se fas asento a huma famosa pedra lousa que fica servindo de tecto ao vão do dito fosso adonde se recolhem pastores pella porta que lhe fica para o nascente." (2)

Em 1908, João de Vasconcelos refere-se ao monumento nestes termos: "Lá nos surge no extremo da esplanada o dolmen da Aboboreira ou da fonte do Mel, conhecido tambem com o nome de Casa do mouro ou da moura e Cova do Ladrão. Consta elle de uma camara de forma aparentemente circular, constituída por nove esteios monolithos de granito muito duro, de textura muito grosseira e sem o mais leve indício de trabalho intencional. Tem todos os esteios a mesma altura, 2,45 m. Na largura differem: 7 medem 1,50 m; os restantes, 1,90 m. Espessura, todos elles, 0,25 m. A tampa, monolithe também, de granito igual aos esteios, tem, medida no seu maior diametro, 3,60 m e no opposto, 2,50 m. Assenta por igual no topo de todos os esteios. A crypta, aparentemente circular, mas de facto polygonal, pois que cada um dos esteios sobrepõe no immediato nas junturas de contacto, tem, medida interiormente, de altura do pavimento ao tecto 2,45 m e de largura, n'um sentido 3,50 m, e no opposto 2,45 m. A porta está voltada ao nascente e mede na abertura horizontal pouco mais de 1 metro e de altura 2,45 m. A galeria, constituída por dous renques de pedras de media grandeza, acha-se muito estragada: falta-lhe todo o capeado e a maior parte das paredes lateraes. A mamõa, bastante diminuída em altura, mas em soffrivel estado ainda, tem de diametro na base 15 metros. É limitada em todo o seu perimetro por uma orla de pequenas pedras." (3)

Em 1928, José de Pinho acrescenta mais alguns dados, relativos à tradição oral, sobre o dólmen de Chã de Parada, "a que os serranos dão o nome de Forno da Moira.

"E, como não lhes seria fácil explicar a forma como para ali foi transportada a pesada laje que o cobre, ficam com a sua curiosidade satisfeita, criando a lenda ingênua e bela, que foi uma velha moira a fiar na roca, quem à cabeça a trouxe..." (4).

Cabe a Rui de Serpa Pinto o mérito de, pela primeira vez, ter reconhecido a existência de manifestações de arte dolménica neste monumento. Escreveu aquele investigador, num pequeno apontamento até há alguns anos inédito: "(...) Na terceira mamõa [a partir do Sul] de terra e

pedra encontra-se a *Casa dos Mouros*, anta muito bem conservada, com a câmara formada por nove esteios imbricados e a galeria virada a nascente de outros seis (comprimento 3,40 m; largura 1,10 m). (...) Ainda que J.A. Vieira e José de Pinho façam ligeiras referências a esta anta, pode-se considerar inédita para a nossa arqueologia, pois passaram despercebidas as pinturas e gravuras dos esteios da câmara...

"Com as fogueiras acendidas pelos pastores só restam vestígios de pintura a vermelho na face interna do esteio que forma a cabeceira. O solo encontra-se remexido até grande profundidade, devendo os esteios medir mais de 3 m de altura.

"Na cabeceira há uma curiosa gravura de 58 cm de alto, difficil de interpretar e que à primeira vista lembra uma ave. (...)

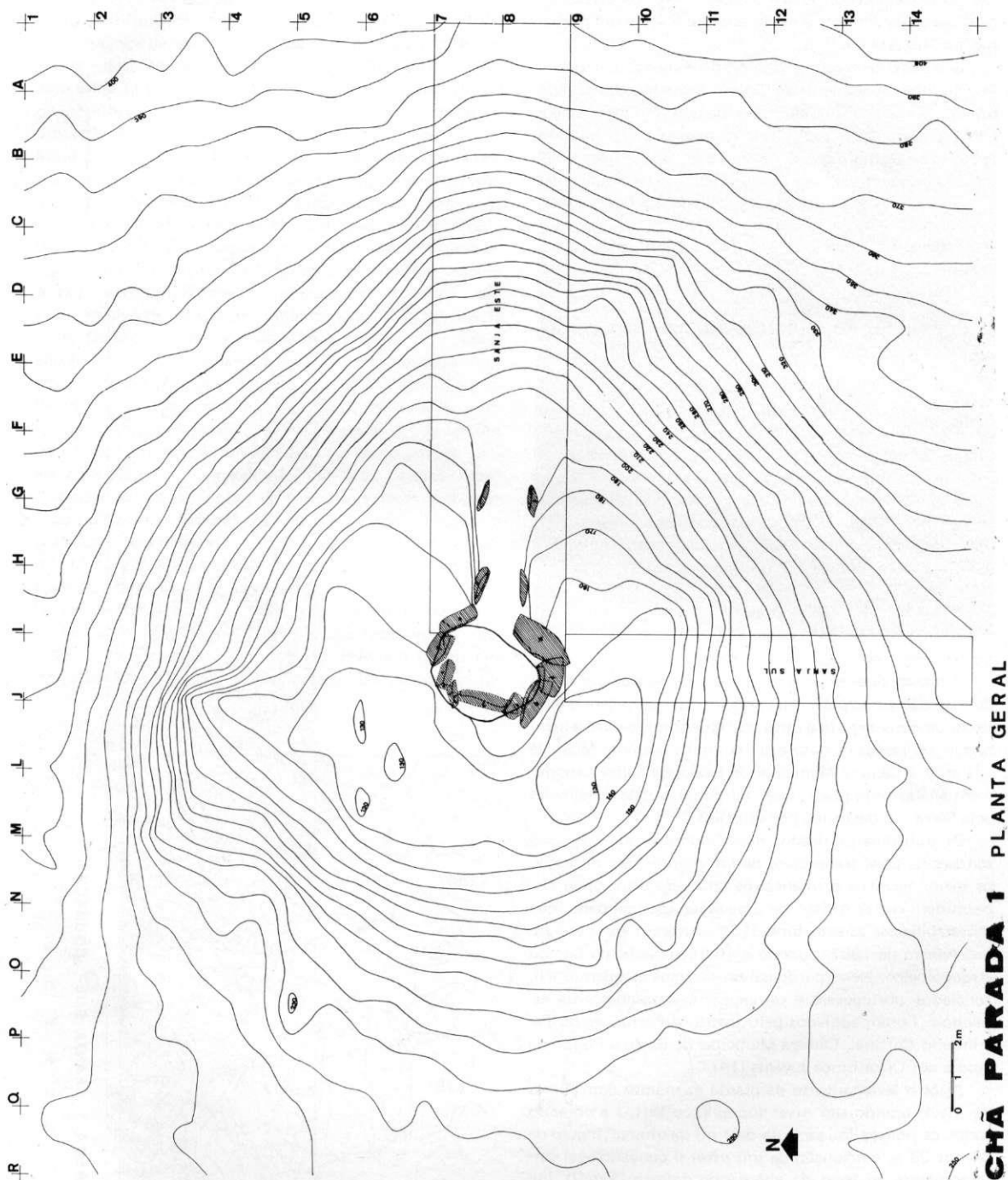
"No segundo esteio, à direita, estão gravados dois círculos de 10 cm de diâmetro figurando os olhos, ligados por uma curva que dá o relêvo do nariz, e uma depressão parece que representa a boca. Esta representação estilizada e simplista do ídolo neolítico lembra alguns ídolos-placas do Sul; as estelas de Moncorvo, Esperança, etc. e as gravuras das antas de Soto (Huelva) e Corao (Astúrias).

"A associação de pinturas e gravuras na mesma anta não é vulgar (...)." (5)

Em 1938, G. Leisner apresentava na Alemanha a sua tese sobre a "Expansão e Tipologia dos Túmulos Megalíticos da Galiza e do Norte de Portugal" (6). Aí, o dólmen de Chã de Parada aparece pela primeira vez reproduzido em planta e em projecção vertical, com um apreciável grau de rigor, não obstante as imperfeições próprias da forma de trabalhar da época (tafel II); na pág. 21 do texto, é incluído no Grupo 1, referente às antas com câmara e corredor diferenciados, em planta e em alçado, sub-grupo b), câmaras poligonais irregulares (mais largas do que profundas, o que é considerado uma característica típica do megalitismo do Noroeste peninsular).

Na sua obra sobre "A Arte Megalítica da Europa Occidental" (publicada em 1981, mas de facto elaborada até 1974, altura em que foi apresentada como tese de doutoramento), Elizabeth Shee Twohig (7) aproveita a planta de G. Leisner, mas publica pela primeira vez a totalidade das gravuras do dólmen, que descreve (pp. 147-148). Na laje de cabeceira estamos perante uma figura que se destaca nitidamente em falso relevo, no topo central do esteio: tem um "corpo" sub-trapezoidal alongado, terminando em trapézio na base, e prolongando-se, para a direita, por um "apêndice" de contornos circulares, que estreita para a parte superior. Este motivo de certo modo repete-se mais três vezes, numa zona contígua do esteio, situada para a esquerda e um pouco mais abaixo da figuração principal; mas aí esta foi realizada por incisão e de forma mais fruste, como a autora acentua. Tema idêntico aparece em gravuras dos dólmenes galegos de Dombate, Baiñas e (até certo ponto) Espiñaredo (8). As restantes insculpturas são compostas por dois círculos dispostos lado a lado e unidos entre si, com uma pequena covinha situada logo abaixo (estilização do tema da "face oculada"?); um U invertido





**CHÃ PARADA 1 PLANTA GERAL**

Fig. 2 — Planta da mamoa com curvas de nível e inserção das áreas escavadas no *tumulus*. Cotas em função do topo da tampa do dólmen (nível 0 convencional). Equidistância das curvas de nível: 10 cm. O Norte utilizado em todo o trabalho é o magnético.

(ou forma sub-rectangular) (ambas num dos esteios do lado norte da câmara, o nosso esteio n.º 7); e um motivo radiado, no esteio n.º 8.

Mais recentemente, a partir do momento em que se iniciou o funcionamento do Campo Arqueológico da Aboboreira, o dólmen de Chã de Parada tem sido mencionado em diversos trabalhos. A título de exemplo, citemos o inventário de Domingos J. Cruz, de 1980 (9), e a dissertação de doutoramento de um de nós (10), cujo extracto referente ao monumento foi já publicado no n.º 8 desta revista (11).

## 1. LOCALIZAÇÃO, CIRCUNSTÂNCIAS DOS TRABALHOS, METODOLOGIA

Num estudo recente (12), publicado no vol. anterior de *Arqueologia*, houve já a oportunidade de descrever a Chã de Parada e a posição relativa das três mamoas ali escavadas. Acrescente-se apenas que a Mamoa 1 se situa a cerca de 45 metros para norte do estradão principal que atravessa o *plateau*, sendo as suas coordenadas geodésicas (de acordo com a "Carta Militar de Portugal", folha 113 - Amarante, na esc. de 1/25 000) as seguintes:

41º 12' 6" Lat. N.  
1º 7' 34" Long. E. Lx.

O acesso directo ao monumento faz-se por um ramal do estradão principal e (ao contrário do que sugere o belo texto de Saramago que atrás transcrevemos, evidentemente que por razões de natureza literária) é bastante fácil. Há uns anos a Câmara Municipal de Baião assinalou o monumento com uma placa, que, tal como outras espalhadas pela Serra, foi destruída por vândalos.

Os trabalhos praticados neste monumento - simples sondagens, pois, tratando-se de um monumento nacional, os meios técnicos e financeiros ao nosso dispor não nos permitiam correr o risco de uma escavação completa, que desestabilizasse as estruturas (13) - tiveram lugar em Julho/Agosto de 1987, durante a 10.ª campanha do Campo Arqueológico. Neles participaram diversos estudantes e licenciados portugueses e estrangeiros, nomeadamente espanhóis. Foram apoiados pelo Instituto Português do Património Cultural, Câmara Municipal de Baião e Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (14).

Após o levantamento da planta da mamoa com curvas de nível, usando um nível topográfico WILD e cotando todos os pontos (quadrícula de 1 m) de um rectângulo de 34 por 28 m em função de um nível 0 convencional correspondente ao topo do chapéu do dólmen (Fig. 2), iniciou-se a abertura de duas sanjas com uma largura de 2 m

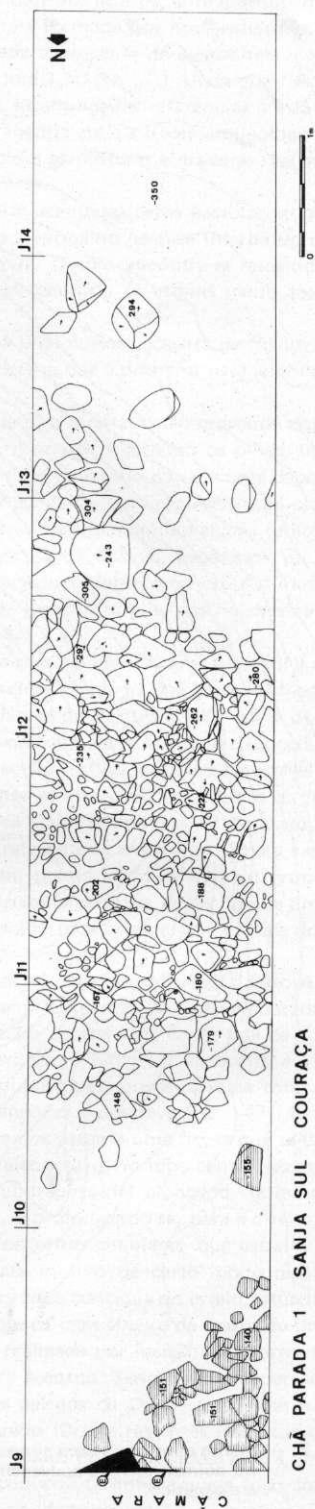


Fig. 3 - Sanja Sul: couraça de revestimento. A tracejado - pedras do contraforte da câmara (zona superficial perturbada).



cada, a sanja Sul e a Sanja Leste-A. A sanja Sul revelou-nos a estrutura habitual das mamoas da Aboboreira, com a sua couraça de revestimento e o contraforte em torno da câmara que, por razões de segurança, não desmontámos. Já a sanja Leste-A, situada no prolongamento do lado sul do corredor, nos havia de apresentar problemas de interpretação mais delicados, que determinaram a abertura da sanja Leste-B, paralela à anterior. Entre ambas, foi deixado um "testemunho" com 40 cm de largura, pertencente aos quadrados com o n.º 7 (a sanja Leste-B tinha, pois, 1,60 m de largo). Após se terem desenhado e interpretado os quadro cortes assim produzidos, foi escavada a banqueta, criando uma área "aberta" com c. de 14 por 4 m frente ao corredor. Entretanto, o corredor e a câmara eram também alvo de escavação, primeiro no prolongamento da sanja Leste-A, depois em áreas mais amplas. Esta operação foi rodeada de todas as precauções, utilizando-se troncos de árvores para escoramento interno dos esteios e procurando-se cobrir uma zona já escavada até ao saibro, antes de se abrir a seguinte. Desenhada a planta e as secções do dólmen, foi este entulhado até uma altura julgada conveniente para a sua conservação. Os cortes foram protegidos com muros de blocos de cimento, o mesmo acontecendo na zona intermédia do corredor, onde, na ausência dos respectivos esteios, o contraforte ameaçava ruir. Finalmente, foi pavimentada com lajes de granito a câmara e o corredor, bem como a área aberta em frente ao mesmo corredor (15). A sanja Sul foi totalmente entulhada.

Pensamos que futuros trabalhos que retomassem o estudo deste importante monumento deveriam incidir em três aspectos principais: a) delimitação da mamoa em to-



Fig. 4 — Sanja Sul, após a decapagem da couraça lítica. Foto tirada de Sul.

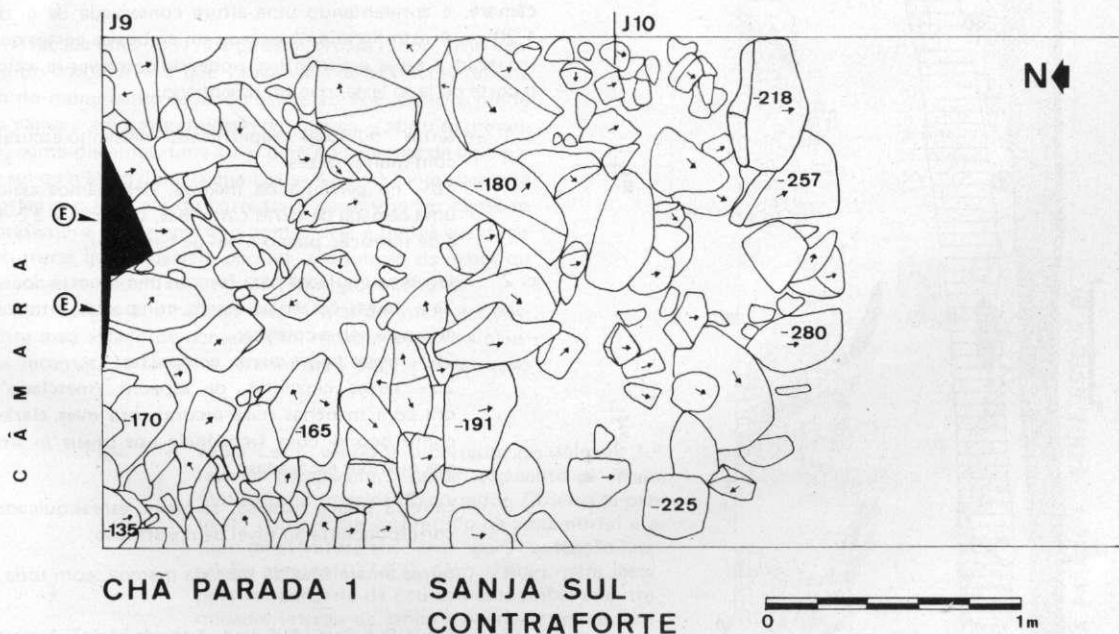
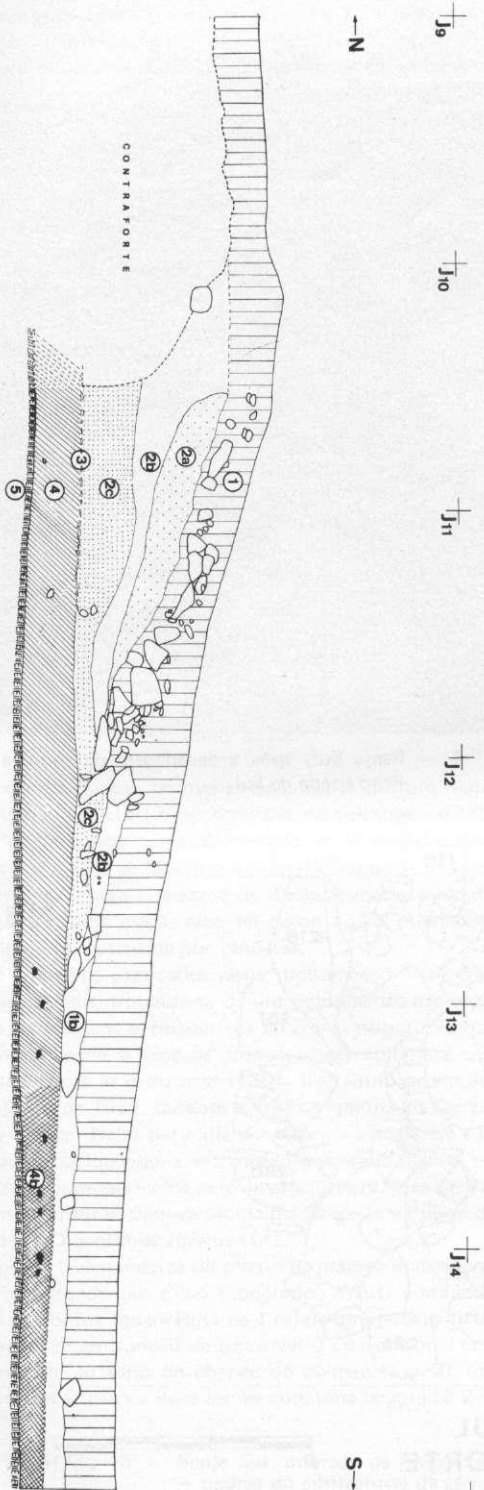


Fig. 5 — Contraforte da câmara na Sanja Sul. A negro, esteios da câmara. Todas as cotas em função do nível 0 convencional.



dos os sentidos, abrindo sanjas para norte e oeste; b) estudo, em área, das restantes estruturas da zona oriental da mamoa, para um e outro lado dos muros de protecção implantados; c) levantamento de uma planta e secções do dólmen por um especialista desses trabalhos, usando uma aparelhagem adequada, e consagrado exclusivamente a esse fim. Apesar das suas limitações, plenamente assumidas à partida, pensamos que as nossas pesquisas neste dólmen trazem um contributo válido ao estudo do megalitismo português, e da Aboboreira em particular. Passemos a expor os seus resultados.

## 2. A SANJA SUL (Figs. 3 - 6)

Constando de 6 quadrados com 2 m de lado, este sector de escavação mostrou-nos, durante a primeira fase de decapagem, pedras do topo do contraforte que rodeia a câmara, mais ou menos soltas, e portanto deslocadas da sua posição original. Do meio do quadrado J10 até ao J12 desenvolvia-se a couraça de pedras imbricadas, seguida, no J13 sobretudo, de grandes blocos esparsos certamente pertencentes à periferia de reforço da estrutura, e dela tombados. No J12 encontrámos um grande bloco partido, de secção plano-convexa (à cota de - 2,43 m.), de forma e dimensão diferentes das que habitualmente ocorrem nas couraças (tratar-se-ia de um elemento da estrutura dolménica, eventualmente um fragmento de tampa do corredor?). Aprofundada a escavação no J9 e J10, o contraforte apareceu em toda a sua nitidez e extensão, prolongando-se até c. de 2,80 m para lá dos esteios do lado sul da câmara, e apresentando uma altura conservada de c. de 1,20 m. A estratigrafia observada em ambos os cortes que ladeavam a sanja era idêntica, podendo descrever-se assim o corte do lado leste, que foi desenhado:

- c. 1 — terras húmusas superficiais, castanho-escuras, com muitas raízes;
  - 1b — na periferia da mamoa, designámos assim uma camada de terras castanhas, subjacente à c. 1, e de transição para o nível de base (4b);
- c. 2 — terras acumuladas para formarem o montículo:
  - 2a — terras cinzentas claras, compactas, situadas em regra sob a couraça;
  - 2b — terras beijas claras, compactas;
  - 2c — terras cinzentas, de aspecto "mesclado", ora com manchas mais escuras, ora mais claras, como ocorre com frequência nos níveis *in situ* das mamoas escavadas;
- c. 3 — camada pouco espessa, saibrosa, esbranquiçada, correspondente ao nível de construção;
- c. 4 — terras amareladas da base da mamoa, com toda a

Fig. 6 — Sanja Sul. Perfil N-S (lado leste da sanja). A estratigrafia está descrita no texto.



probabilidade restos de um "solo antigo";

4b — terras amareladas arenosas de transição para o saibro, na periferia da mamoa.

Nesta camada, e sempre na parte externa no monumento, encontrámos com frequência pequenos blocos de quartzo, irregulares, com as arestas desgastadas e uma pátina bege clara (figurados no desenho a negro). O mesmo se verificou na sanja Leste. O carácter regularmente espaçado da sua ocorrência chegou a sugerir-nos uma intencionalidade que, todavia, não é de forma alguma certa. De facto, no local passa um veio de quartzo, que encontrámos de forma bem nítida no corte do lado oeste da sanja de que estamos tratando; esse quartzo fragmenta-se em blocos do tamanho dos que se detectaram na escavação. Estratigraficamente, estes fragmentos de rocha ocorreram, em regra, próximo do topo da camada (16);

c. 5 — saibro da base.

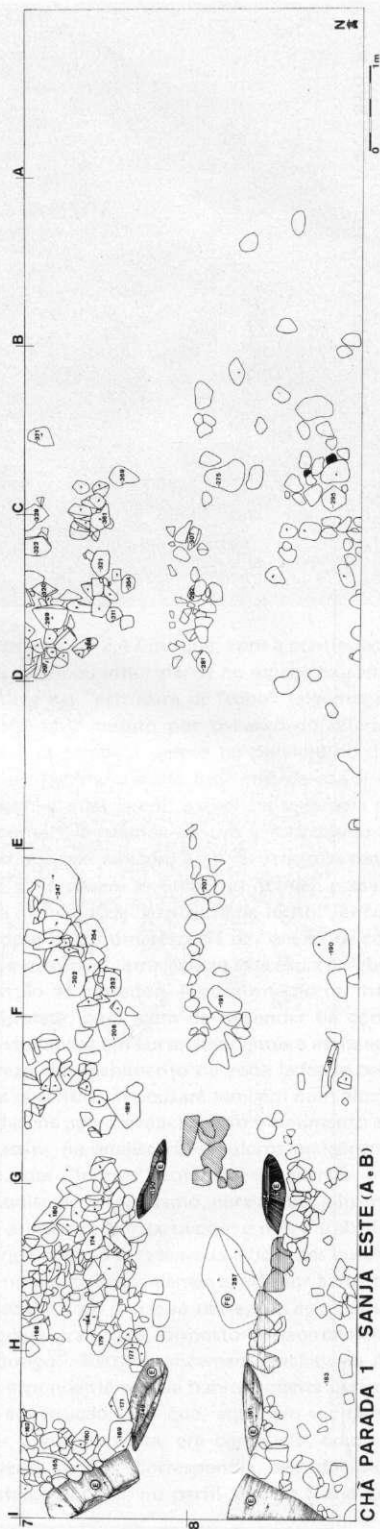
Em geral, dada a dimensão do dólmen, esperaríamos que a mamoa se desenvolvesse espacialmente mais do que aquilo que a escavação desta sanja nos revelou. A couraça era pouco extensa, com um perfil encurvando "rapidamente" para a base do *tumulus*. Não sabemos qual será o seu comportamento para os lados oeste e norte, onde não abrimos sondagens; aqui está, como dissemos antes, um dos objectivos de um futuro trabalho.

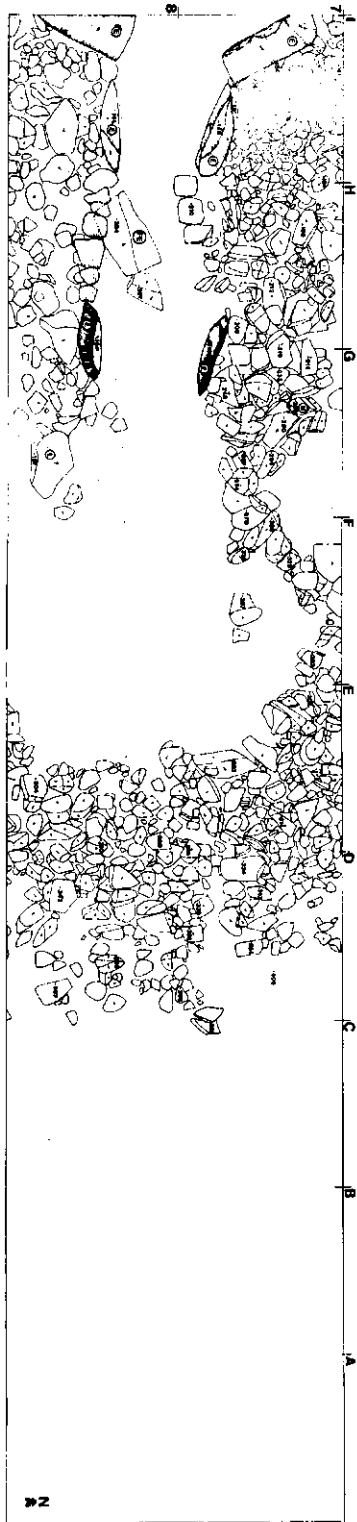
### 3. A SANJA LESTE (Figs. 7 - 21)

Traçada uma linha que passava, *grosso modo*, pelo centro do corredor — e que visava vir a obter uma estratigrafia do monumento segundo este eixo W-E, desde o fundo da câmara até à extremidade da mamoa — abriu-se primeiro, como dissemos, uma sanja com dois metros de lado para sul da mesma linha (sanja Leste-A). Esta sanja abarcaria portanto o lado sul do corredor e permitiria ver como se apresentava aí o respectivo contraforte e outras eventuais estruturas que pudessem ocorrer, em função da maior ou menor extensão do referido corredor, por exemplo.

De facto o contraforte surgiu, mas de início em bastante mau estado de conservação, mostrando remeximentos recentes, certamente relacionáveis com a construção

Fig. 7 — Sanja Leste, vendo-se o corredor do dólmen. 1.<sup>a</sup> fase de decapagem. Grande fragmento de esteio tombado no interior do corredor. Observa-se parte do contraforte (sobretudo na zona norte) e o topo da estrutura em "anel" para contenção lateral da mamoa (G7-F7). Mais abaixo, para leste, possível periferia da couraça (em ambas as extremidades laterais da sanja) e possíveis pedras tombadas da mesma, além de outros escombros dispersos.





de um muro de pedra vã que preenchia o espaço existente entre o primeiro e o terceiro esteios desse lado da "galeria" (17). No G8, na periferia do contraforte, ocorreu uma laje fincada no solo, inclinada, em nítida posição secundária (teria feito parte do sistema de fecho, ou "porta", do corredor?). Todo o enchimento da galeria se achava revolvido, constituindo um autêntico entulho, no qual, a 2,57 m de profundidade (em relação ao nível 0 convencional) encontrámos um grande fragmento de esteio tombado (certamente correspondente ao esteio em falta deste lado sul, ou ao seu fronteiro, do lado oposto). Nos restantes quadrados da sondagem, a situação, em termos de estruturas e de estratigrafia, apresentava-se de início relativamente indefinida, à medida que a (cuidadosa) decapagem ia prosseguindo: "camadas" mais saibrentas e compactas alternavam com outras mais húmusas; algumas dessas "camadas", pela sua pequena expressão volumétrica e espacial, não passavam de "bolsas", sugerindo estarmos perante um enchimento heterogéneo, produto de revolvimentos do local, e/ou de deposições de sedimentos de natureza diversa. Por outras palavras, e como era de esperar, a mamoa não tinha, nesta zona fronteira ao corredor, a mesma "organização" interna que é habitual, e que a sanja Sul nos tinha revelado, tanto em termos de estruturas líticas como de camadas estratigráficas. Porém, na junção do C8 com o D8 detectámos um imbricado pétreo relativamente superficial, que nos pareceu pertencer a uma couraça; na sua periferia, para leste, apenas ocorriam alguns blocos soltos. Situação simétrica desta fomos aliás encontrar posteriormente na Sanja Leste-B. Uma vez que tal "couraça" se não apresentava de forma evidente senão nos extremos, norte e sul, da zona sondada a leste da mamoa, levanta-se a questão seguinte: a couraça viria "morrer" na área fronteira ao corredor, deixando por assim dizer uma zona livre, de acesso, ao mesmo, ou estaria apenas mais degradada, por eventuais violações, nessa mesma área? Inclina-mo-nos mais para a primeira hipótese, a que teremos ocasião de nos voltarmos a referir.

O prosseguimento da escavação da sanja Leste-A — onde, diga-se de passagem, ocorreu algum espólio de interesse, quer durante a decapagem, quer na peneiração (uma vez que todas as terras retiradas desta escavação foram passadas ao crivo) — haveria, porém, de ser mais conclusivo. Não só surgiu o contraforte do corredor em toda a sua expressão, como ocorreu uma estrutura de tipo inédito, sobrejacente ao "solo antigo", constituída por um "lajeado" ou imbricado de pedras, com uma ligeira inclinação concordante com o declive da mamoa, e que convencioná-

Fig. 8 — Sanja Leste, numa fase mais adiantada de decapagem. É perfeitamente nítido o contraforte do corredor, a "estrutura de fecho" ou "pavimento" situado na zona fronteira ao corredor e, descrevendo um arco e unindo esta estrutura ao contraforte, do lado norte, a base do "anel" de contenção lateral da mamoa, que já se via na fig. anterior.



Fig. 9 — Aspecto da "estrutura de fecho" na Sanja Leste-A. Foto tirada aproximadamente de SE.



mos designar "estrutura de fecho". O limite leste do contraforte, assente no "solo antigo", ultrapassava em c. de 2 m para esse lado o último esteio do corredor. E dizemos último porque já então se tornava patente que estávamos perante um dólmen de corredor curto, constituído apenas por três esteios (de cada lado). Curiosamente, na parte terminal do dito contraforte recolhemos três moinhos manuais, incluídos na estrutura, aparentemente, como simples material de aproveitamento; encontravam-se uns sobre os outros (quadrado G8). Quanto à "estrutura de fecho" tinha, de comprimento (no sentido W-E) c. de 2 m, iniciando-se a c. de 4,40 m do corredor e terminando, portanto, a c. de 6,40 do mesmo, não longe já da periferia do *tumulus*. Este interessante dispositivo lítico prosseguia na área da Sanja Leste-B, em perfeita continuidade, formando como que um "arco" (dado o seu limite arredondado, quer internamente, quer externamente, embora neste último caso algo "mascarado" pelas pedras tombadas que se encontravam na área imediatamente adjacente). Qual a função desta estrutura? Se admitíssemos a hipótese acima formulada — de que a mamoa estaria "aberta" em frente ao corredor, por forma a permitir o acesso ao sepulcro — então este "pavimento" espesso poderia servir como "entrada" na área contígua ao referido corredor, consolidando ao mesmo tempo a base dessa zona do monumento. Trata-se, acentuamos, de uma simples hipótese, mas que parece ganhar alguma consistência perante os resultados da escavação da Mamoa 1 de Madorras, no concelho de Sabrosa, ainda inéditos (18).

Como já temos visto, a sanja Leste-B completou de forma muito importante certos aspectos observados na sanja Leste-A. Logo na fase inicial de decapagem ocorreu, no quadrado F7, com prolongamento para o G7, um "anel" de grandes blocos de pedra (incluindo mesmo uma

enorme laje à cota de - 2,47 m) que, com a continuação da escavação, se verificou intercalar-se no espaço existente entre o contraforte e a "estrutura de fecho" (algumas pedras desta "passavam" mesmo por debaixo do referido anel). Esta estrutura também parece ter paralelo no dólmen de Madorras 1 (embora neste tudo seja de maior dimensão e quiçá mais complexo), e explicar-se-ia pela necessidade de "conter" a mamoa de um e outro lado do corredor (admitimos que também a sul tal estrutura tenha existido). Neste caso, quem entrasse no dólmen passaria primeiro sobre a mencionada "estrutura de fecho", encontraria de um lado e outro uma espécie de "anéis" de contenção lateral da mamoa e, atravessado esse espaço "aberto", acederia então ao corredor. A confirmação ou infirmação desta hipótese, para além de depender de certas análises sedimentológicas em curso (tendentes a esclarecer melhor a natureza do enchimento da zona ladeada pelas várias estruturas descritas), repousará também num alargamento das sondagens agora praticadas no monumento em causa, e bem assim na análise de sepulcros congêneres. Trata-se de uma das "frentes" potencialmente mais interessantes da pesquisa do megalitismo, para a qual julgamos estar dando um primeiro contributo com o nosso trabalho.

De referir ainda que, ao ser escavada a base dos quadrados G7-F7, e a uma cota imediatamente inferior à do contraforte, se encontrou, na periferia deste, um aglomerado de pequenas pedras graníticas, disposto horizontalmente sobre o "solo antigo". Estratigraficamente, achava-se numa posição correspondente ao que habitualmente designamos "nível de construção", só que, aqui, em vez de ser constituído por areia granítica, era composto, como se disse, por pequenas pedras. Correspondia, sem dúvida, à camada 6, registada, por ex., no perfil W-E da Sanja Leste-A.



Fig. 10 — Aspecto da "estrutura de fecho" na Sanja Leste-B. Foto tirada de E.

A estratigrafia das Sanjas Leste-A e B foi desenhada e estudada exaustivamente, abrangendo os quatro cortes produzidos nesta área do monumento. Os perfis que apresentamos e respectivas legendas completarão a sua descrição sintética, que podemos formular assim:

#### SANJA LESTE-A; PERFIL E-W (Fig. 15)

c. 1 — terras húmidas superficiais, castanho-escuras, com muitas raízes, mas algo saibrentas e compactas;

1a — terras castanhas, húmidas, pouco compactas, envolvendo um nível de pedras *in situ*, com uma inclinação concordante com o perfil da mamoa. Estas pedras poderiam ter pertencido a um "anel" de contenção lateral da mamoa, numa situação simétrica da observada no perfil W-E da Sanja Leste-B;

1b — bolsa saibrosa, granulosa, pouco compacta;

1c — camada saibrosa, mas ligeiramente mais escura e húmida do que 1b;

1d — terras castanho-acinzentadas, mais escuras e compactas do que 1c.

Pensamos que enquanto que 1a se poderá encontrar *in situ*, já 1b, 1c e 1d deverão corresponder a revolvimentos produzidos no *tumulus*. No D8-E8 detectámos, sob a camada 1 superficial, uma bolsa de saibro relativamente extensa, sobreposta à c. 3 (marcada com s);

c. 2 — terras do *tumulus*, com manchas cinzentas e amareladas, correspondentes à acumulação de porções de solo mais saibroso;

2a — terras predominantemente escuras, castanho-acinzentadas;

2b — terras mais claras do que as anteriores;

c. 3 — terras cinzento-escuras ou negras, com grânulos de quartzo. Sobrepondo-se nitidamente à c. 4, que contém a "estrutura de fecho", esta camada é difícil de delimitar na periferia da mamoa (parte do C8, e quadrados B8 e A8), onde se poderia ter convencionalmente designá-la 3b, pois se trata, aí, tão somente de um nível de transição para o de base (7b);

c. 4 — terras castanhas, pouco compactas, nas quais se integra a estrutura pétre que vimos designando como "de fecho";

c. 5' — terras cinzento-escuras, em certos pontos quase negras, constituindo um sedimento fino, que apresentava na sua parte média uma linha de pequenos blocos de granito em decomposição, e de areia granítica. "Encostava-se", por assim dizer, à base do contraforte, sobrepondo-se directamente ao "solo antigo", pelo que se trata de uma camada que deve estar em relação com a fase de construção e/ou de utilização inicial do monumento;

c. 6' — bolsa de saibro, com pequenos fragmentos de granito (é possível que se relacione com o momento da construção);

c. 7 — terras amareladas, arenosas, pertencendo decerto ao "solo antigo" do local (correspondem ao nível 2 da Sanja Sul);

7b — perifericamente, este nível constituía um sedimento de transição para o saibro de base (quadrados A, B, C8). Nesta área continha, sobretudo no seu topo, numerosos blocos de quartzo (figuras a negro nos perfis);

c. 8 — granito alterado da base.

Torna-se necessária, aqui, a seguinte anotação quanto à nomenclatura estratigráfica utilizada neste e noutros perfis: certas subdivisões de camadas encontram-se referenciadas pelas letras a, b, c, d (por ex., 1a, 1b, etc.). Trata-se portanto de entidades estratigráficas de pequena potência

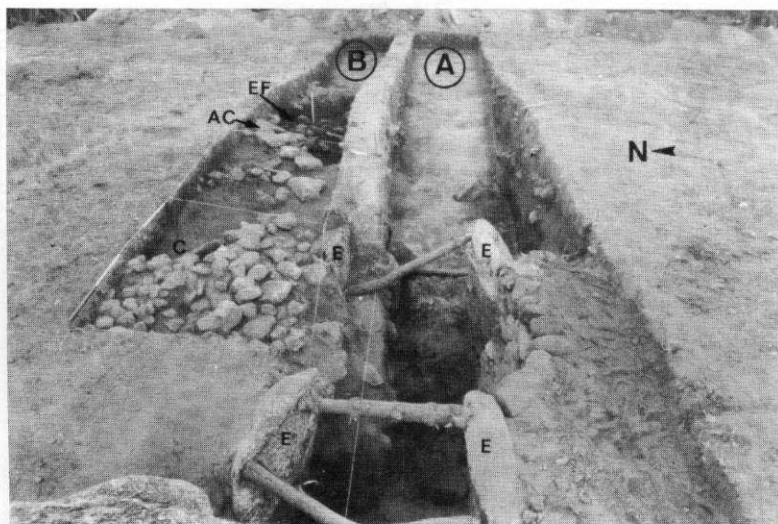


Fig. 11 — Aspecto geral da escavação na área Leste, vendo-se as sanjas Leste-A e Leste-B e o "testemunho" para leitura estratigráfica deixado entre ambas. Foto tirada de W, de cima do dólmen. Nesta fase, a Sanja Leste-A estava completamente escavada, e a Leste-B em curso de decapagem. E — esteio do corredor; C — contraforte do corredor; AC — "anel de contenção" da mamoa; EF — "estrutura de fecho".

ou extensão, que não nos parece deverem ser consideradas como camadas autónomas, inclusivamente do ponto de vista de uma compreensão clara da realidade escavada (estrutura do monumento, possível processo da formação do enchimento de certas das suas zonas). Noutros casos, o número de camada aparece seguido de um apóstrofo (por ex., 5'); quer isto dizer que a camada em causa, tanto pelas suas características, como pela sua posição geral na estratigrafia, pode relacionar-se com a do mesmo número não seguida de apóstrofo, figurada noutra perfil, mas não há disso uma certeza absoluta, quer por tais características se não corresponderem inteiramente, quer por haver descontinuidades espaciais entre ambas, devidas por ex. à ocorrência de zonas revolvidas. Os dois sistemas de anotação podem surgir conjuntamente (por ex., 2'a).

#### SANJA LESTE-A; PERFIL W-E (Fig. 17)

Neste perfil, os quadrados H, I e J8 pertencem ao enchimento da câmara e corredor, que se encontravam totalmente revolvidos até à base por violações (v); só em raros pontos se conservavam resquícios do "solo antigo" (c. 7).

- c. 1 — terras húmusas superficiais, de cor castanha;
- c. 2' — terras saibrentas, cinzentas, compactas. Nuns pontos eram encimadas por um nível muito compacto, saibroso, de cor cinzenta clara (quadrados F8-G8 — marcado com um s); mais abaixo, continham por vezes bolsas também saibrentas, de cor mais clara do que a predominante na camada (igualmente assinaladas com s). De notar que a

mancha maior deste último tipo de sedimento tem uma inclinação discordante com o perfil da mamoa, podendo corresponder a um momento de "enchimento" (natural ou feito pelo homem) de uma área "aberta" ou previamente revolvida;

- c. 3 — mesmas características da c. 3 do perfil anterior;
- c. 4 — mesmas características da c. 4 do perfil anterior;
- c. 5 — terras negras, muito finas, evocando um "limo" (sedimento depositado por águas?). Esta camada é de capital importância para a interpretação desta zona da mamoa (aguardamos o resultado de análises sedimentológicas e pedológicas em curso

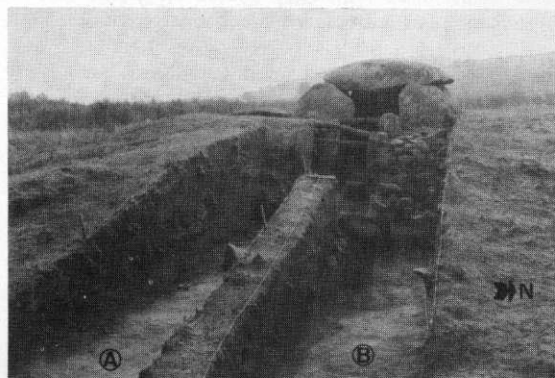


Fig. 12 — Sanjas Leste-A e Leste-B vistas aproximadamente de ENE. O "testemunho" central encontra-se a ser escavado. À direita, contraforte do corredor. Nos cortes, vê-se nitidamente a "estrutura de fecho" (plano médio da foto).



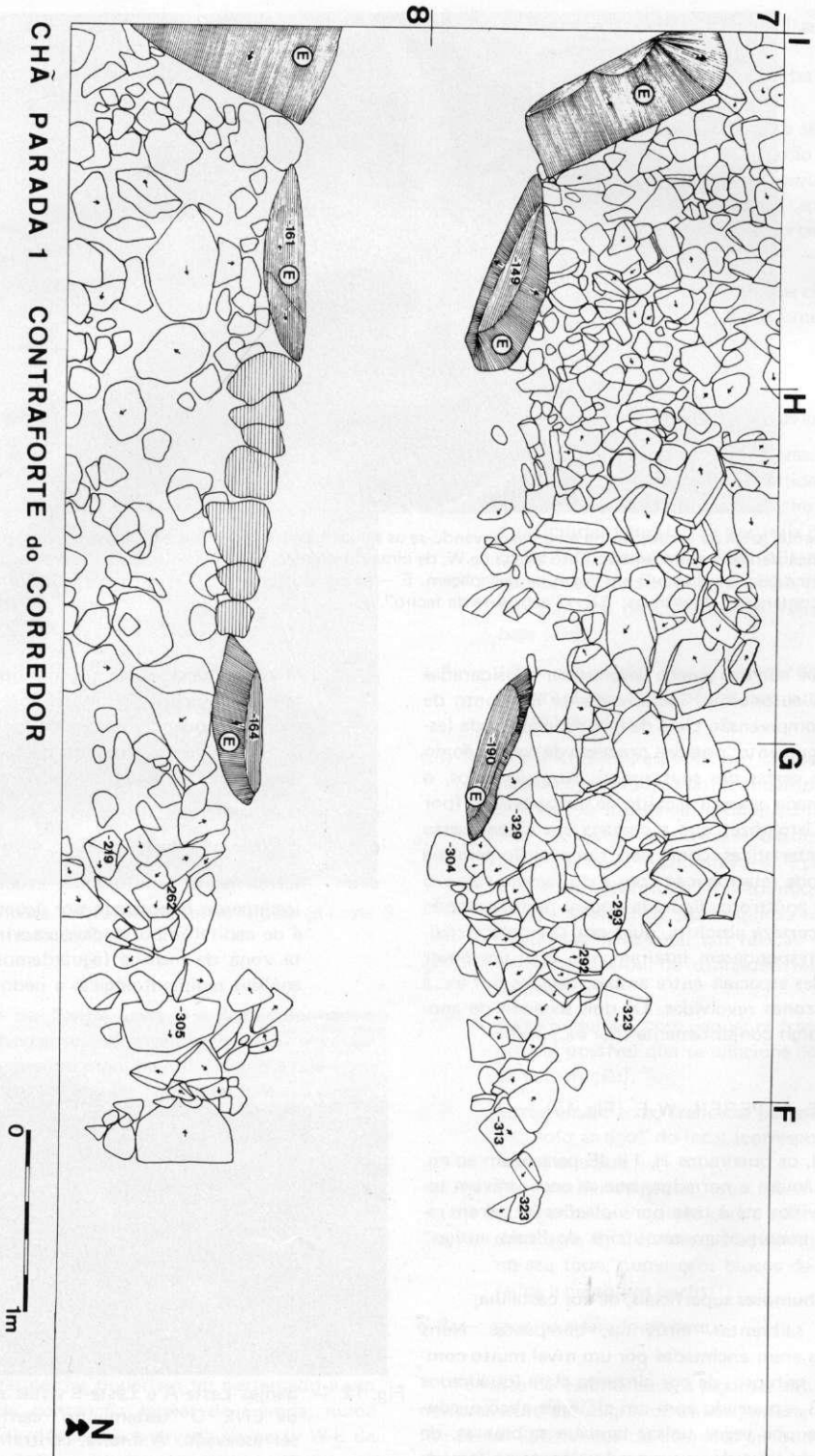


Fig. 13 — Contraforte do corredor.

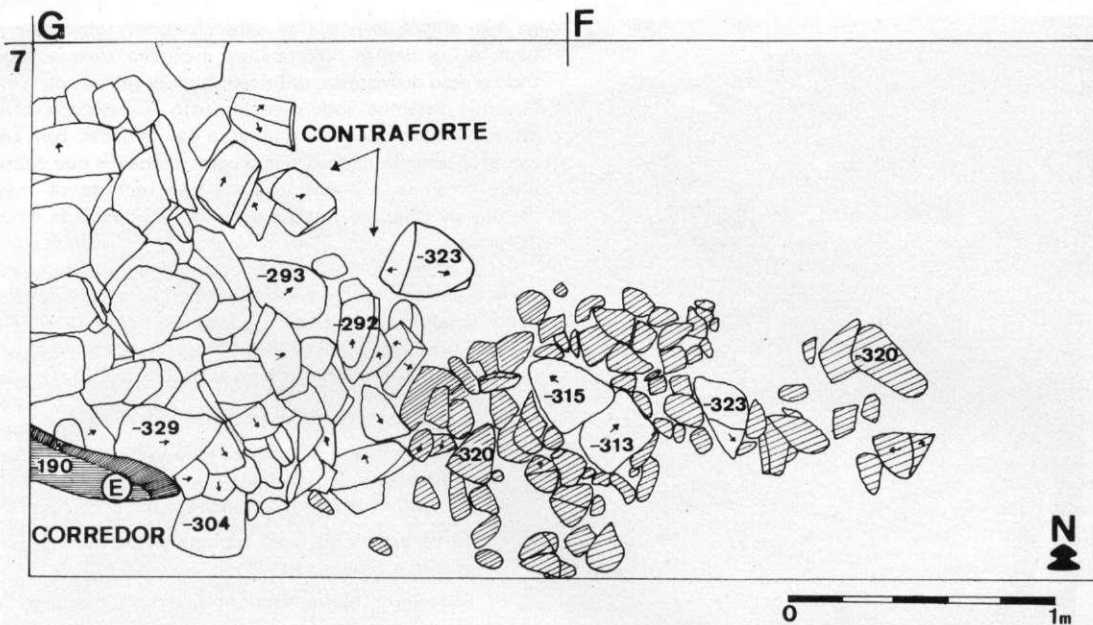


Fig. 14 — Periferia do contraforte do corredor, lado norte: a tracejado, pedras do "nível de construção".

para caracterizarmos as suas condições prováveis de deposição e o seu significado no contexto do monumento). É possível que a camada em causa se conecte com a c. 5' do perfil anterior;

- c. 6 — "Nível de construção", com fragmentos de granito e, por vezes, pequenas lajes da mesma rocha, que tendem a dispor-se na horizontal;
- c. 7 — mesmas características da c. 7 do perfil anterior;
- c. 8 — granito alterado da base.

#### SANJA LESTE-B; PERFIL E-W (Fig. 19)

As camadas deste perfil correspondem às do anterior, na sua generalidade. Junto ao contraforte, a c. 2'a corresponde a uma bolsa de terras cinzento-escuras.

#### SANJA LESTE-B; PERFIL W-E (Fig. 20)

As camadas 1, 2, 3, 4, 6, 7 e 8 correspondem genericamente às descritas nos cortes anteriores. Convém porém acrescentar os seguintes detalhes:

- c. 1a — terras acastanhadas, subjacentes a um nível de pedras existente no G7, e que "desce" para o F7, vindo "morrer" na junção deste quadrado com o E7; corresponde à estrutura em anel para contenção lateral da mamoa, a que acima nos referimos;
- c. 2 — 2a — terras castanho-acinzentadas, de aspecto

"mesclado", mas predominantemente escuras;  
2b — terras do mesmo tipo das anteriores, mas predominantemente claras;

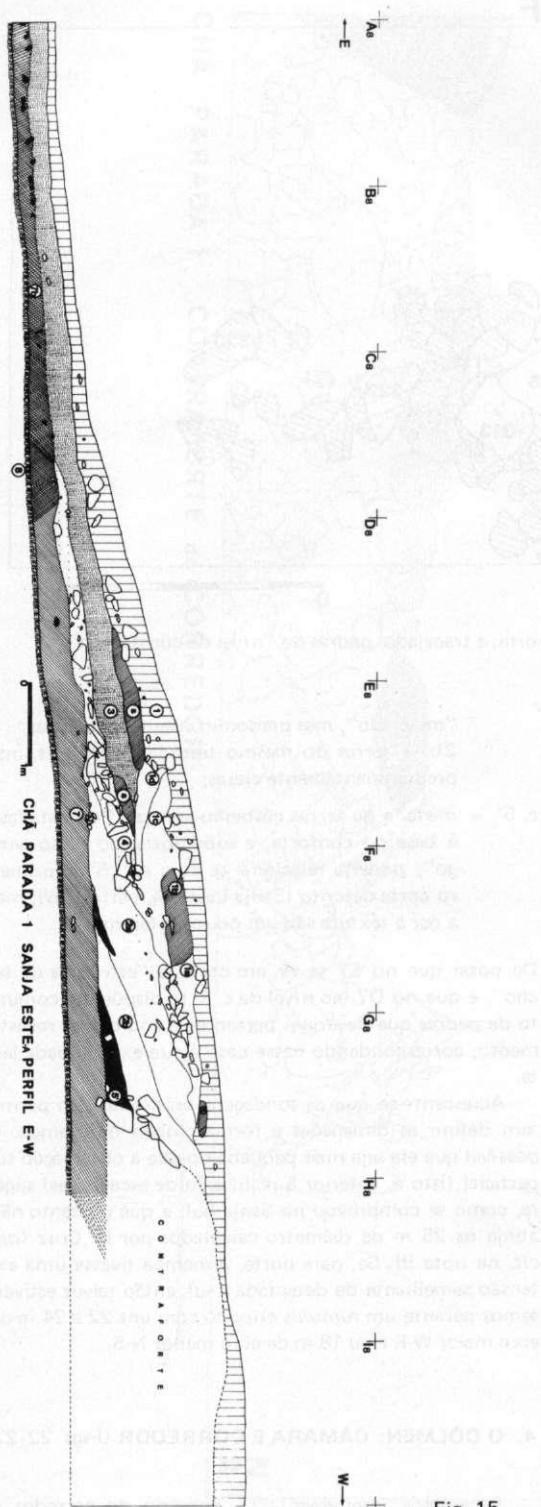
- c. 5' — mancha de terras castanho-escuras, "encostadas" à base do contraforte, e sobrepostas ao "solo antigo"; poderia relacionar-se com a c. 5' do primeiro corte descrito (Sanja Leste-A, perfil E-W), mas a cor e textura são um pouco diferentes.

De notar que no E7 se vê, em corte, a "estrutura de fecho", e que no D7, ao nível da c. 1, se dispõe um conjunto de pedras que deveriam pertencer à couraça de revestimento, correspondendo nesse caso à sua extremidade leste.

Acrescente-se que as sondagens praticadas não permitem definir as dimensões e forma globais da mamoa. É possível que ela seja mais pequena do que a observação superficial (isto é, anterior à realização de escavações) sugere, como se comprovou na Sanja Sul, e que portanto não atinja os 25 m de diâmetro calculados por D. Cruz (*op. cit.* na nota 9). Se, para norte, a mamoa tivesse uma extensão semelhante da detectada a sul, então talvez estivéssemos perante um *tumulus* elíptico com uns 22 a 24 m de eixo maior W-E e de 18 m de eixo menor N-S.

#### 4. O DÓLMEN: CÂMARA E CORREDOR (Figs. 22-27)

Escavámos inteiramente o conteúdo do corredor e, quase totalmente, o da câmara, à excepção de uma peque-



na área adjacente à laje de cabeceira e aos esteios 3 e 4 (com o fim de não desestabilizar a câmara, uma vez que todo o peso dos esteios, imbricados, repousa naquela laje). Como já dissemos, todo o enchimento se revelou revolvido: para tanto apontava o aspecto das camadas, bem como a disposição caótica dos blocos tombados que continham e, ainda, a presença, até à base rochosa, de fragmentos de objectos (nomeadamente cerâmicos) de todas as épocas.

Um corte praticado transversalmente na Sanja Leste-A, à entrada do corredor, correspondente ao lado Oeste do quadrado G8, ilustra o que acabamos de dizer. Aí, os entulhos que enchiam o corredor compunham-se da seguinte sucessão de camadas (v. Figs. 22 e 23):

- a) Terras saibrentas com pedras, compactas;
- b) Terras também saibrentas, mais compactas do que as anteriores, sem pedras;  
b') Sedimento fino, cinzento-escuro;
- c) Terras saibrentas, com pedras e grandes pedaços de granito em decomposição;
- d) Sedimento muito fino, tipo "limo", humoso, de cor castanho-escuro;
- e) Terras compactas, saibrentas, de cor castanha, mais clara do que em c); na base, junto ao corte, fragmento cerâmico "histórico";
- f) Sedimento mais fino do que o anterior, contendo, como ele, grânulos de quartzo, mas mais pequenos;
- g) Camada, tal como a anterior, aberta no "solo antigo", sobre o qual repousa, e constituída por terras castanho-escuras, pouco compactas, com grandes grãos de quartzo.

Atrás dissemos ter encontrado, no H8, e à profundidade de 2,57 m, um grande fragmento de esteio, certamente do corredor. Logo abaixo dele, às cotas de 2,94 m e de 3,07 m, respectivamente, detectámos outros dois fragmentos de esteio (talvez o mesmo, quer ele fosse o ortostato em falta a sul, quer o seu fronteiro a norte). O alargamento da escavação para o quadrado H7, ainda no corredor, viria a revelar-nos fragmentos do esteio mediano do lado norte da galeria, reduzido à sua base, ainda praticamente *in situ*. Encontravam-se à cota de 2,88 m. Tal esteio teria uma largura, a essa cota, de c. de 1,16 m.

Quanto à câmara, um corte estratigráfico lido do lado sul de uma sondagem praticada no quadrado J8, paralelamente portanto aos esteios meridionais da mesma câmara, mostrou a seguinte estratigrafia, bem reveladora do caos de entulhos que enchiam o compartimento:

- a) terras cinzentas, pulverulentas, contendo abundantes carvões de fogueiras recentes, e pedras de todas dimensões, por vezes de grande tamanho. Lembra-

Fig. 15 — Sanja Leste-A. Perfil E-W. Estratigrafia descrita no texto.



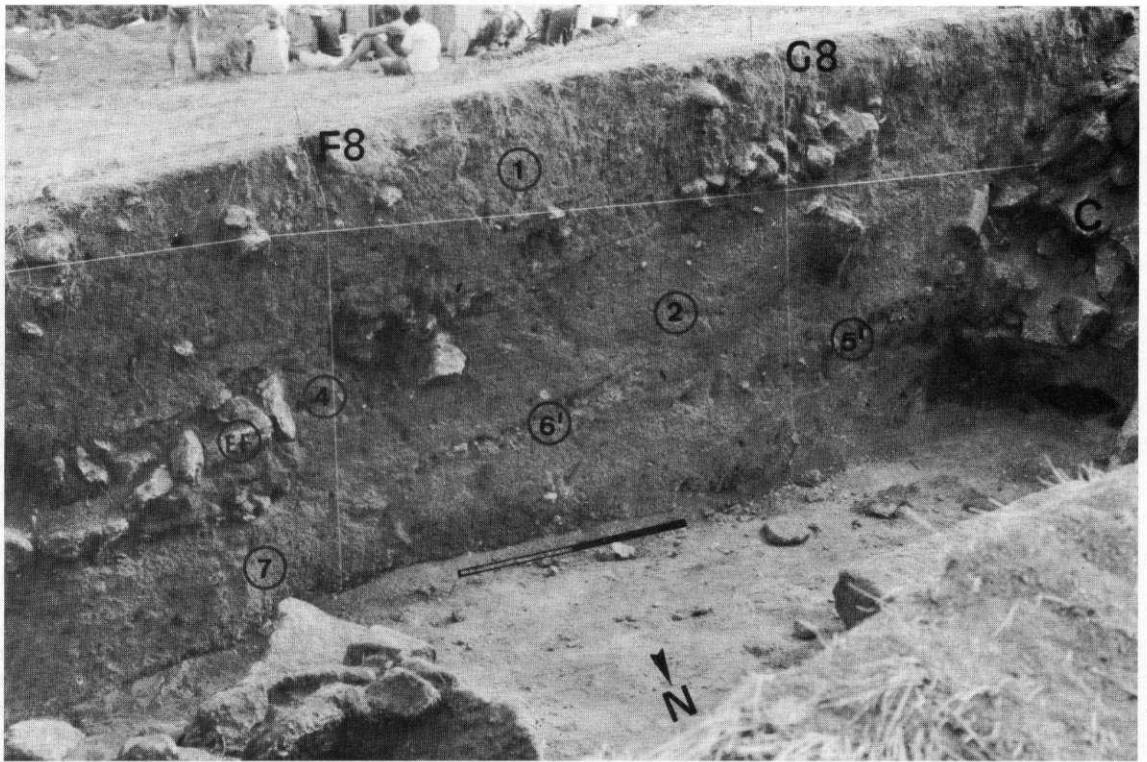


Fig. 16 — Sanja Leste-A, lado sul. Corte E-W. Detalhe, abrangendo o Eg (parcialmente), Fg e Gg. Foto tirada aproximadamente de NNE. C — contraforte do corredor; EF — estrutura de fecho.

mos que os pastores, como atrás referia Serpa Pinto, fazem ali constantemente fogueiras, para se aquecerem durante os dias frios, encontrando-se certos esteios, nomeadamente a laje de cabeceira, com uma cobertura de negro de fumo que no caso daquela laje muito deteriorou as gravuras, podendo ao mesmo tempo ter irremediavelmente eliminado as pinturas que também parece ter contido (19);

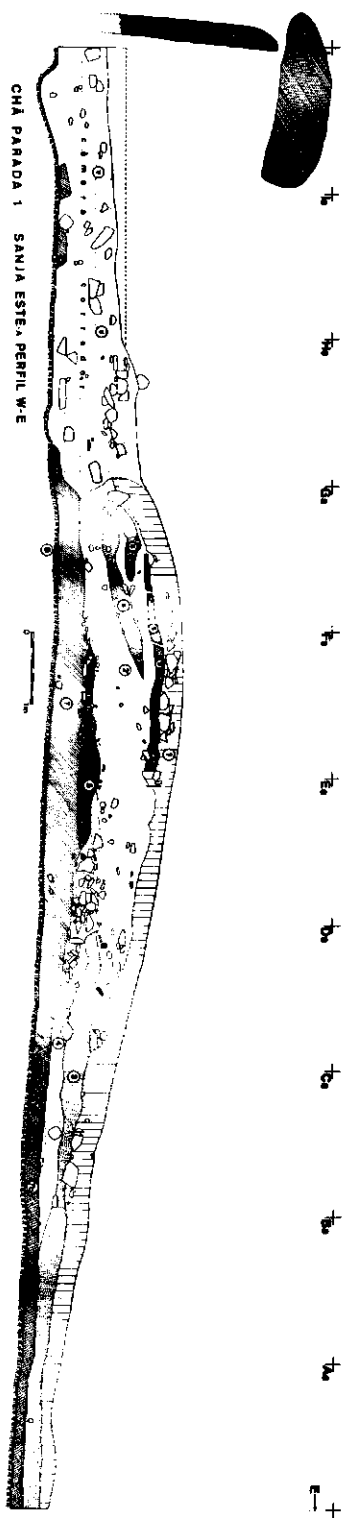
- b) terras castanhas escuras, com pedras e algumas manchas de saibro;
- c) sucessão de terras negras com carvões e pedras; terras castanhas; níveis de areão; terras cinzentas arenosas, pouco compactas; terras castanhas com carvões;
- d) areão, interrompido nalguns pontos por areias de cor bege;
- e) saibro de base, por vezes rebaixado por fossas devidas a violação.

Enfim, estamos perante camadas que outro interesse não têm se não o de documentarem o estulhamento já referido, umas vezes produto de acções humanas ("escavações", feitura de fogueiras, acumulação de grandes blocos), outras provenientes de agentes naturais, que podem ter ar-

rastado pequenas pedras e níveis de saibro para o interior da câmara.

Resta referir que a área intervencionada, integrada nos quadrados J7 e J8, começou por ser de 1,60 m X 1,30 m no primeiro, e de 1,60 m X 1,70 m no segundo (20), deixando entre ambos um testemunho de 30 cm de largura no sentido do comprimento da câmara (eixo W-E). Posteriormente, estas duas sondagens rectangulares foram alargadas para norte e para sul até atingirem a base dos esteios (à excepção do n.º 3) desses dois lados da câmara, ou seja, o seu contacto com a rocha de base, que registámos em planta e através de fotografias. Atingiu-se ainda, pois, parte do quadrado J9. Como a câmara se prolonga para os quadrados 17 e 18, que evidentemente também foram escavados nessa parte, na sequência do corredor, a área intervencionada na mesma câmara ultrapassou, no total, os 10 m<sup>2</sup>.

Documentámos a arquitectura do dólmen através de uma planta em que figurámos também os esteios em projecção horizontal (único modo de expressar a volumetria da construção, em que os referidos esteios, no caso da câmara, se encontram não só imbricados — dispostos em diagonal, e apoiados uns nos outros — como muito inclinados para o interior) (Fig. 26) e de uma outra em que o monumento aparece "rebatido", para norte e para sul, em



duas "secções" ou "alçados", como queiramos thamar-lhes (Fig. 27).

Convencionalmente, e porque não encontramos o piso primitivo de utilização, a planta foi levantada à cota aproximada de  $-3$  m. Surgiu-nos assim uma câmara poligonal, larga e pouco comprida (c. de 4,40 m de larg. máx. por c. de 2,90 m de comp. máx.), composta por nove esteios, de dimensões e formas muito variadas. Alguns, como o esteio 1 ou o 3, são grandes lajes muito largas (mais de 2 m no 1.º caso, por ex.); outros, como o esteio 4, são muito mais estreitos (c. de 0,70 m de larg. máx.). Pouparemos o leitor a uma descrição exaustiva de todas essas medidas, que os desenhos inteiramente exprimem. Quanto à altura da câmara, é de c. de 3 m, entre a base da laje de cobertura e a rocha de base; essa é também a altura média dos esteios, que naquela rocha em geral assentam. No que toca à laje de cobertura, que não conserva certamente as dimensões originais, pois que devia estender-se mais para leste, tem actualmente um contorno ovalado, com c. de 3,20 m de eixo maior por 2,50 m de eixo menor; a espessura máxima é de c. de 0,70 m. 3,70 m é pois a altura máxima da arquitectura dolménica presente em Chã de Parada 1. Quanto ao corredor, é curto, com cerca de 3,80 m de comprimento, e bem destacado da câmara, tanto em planta como em alçado (a julgar pelos esteios que restam, a altura do corredor seria inferior à da câmara em c. de 0,90 m). Falta-lhe o esteio n.º 2, do lado sul, e do ortostato fronteiro (n.º 5), a norte, apenas encontramos a base, fragmentada e parcialmente inclinada para o interior. O esteio 6 acha-se certamente fracturado no topo. Também desapareceram as tampas. Mais pequenos, tanto em altura como em largura, do que os esteios da câmara, os esteios do corredor também se encontram dispostos de forma diferente, próxima da vertical.

De notar que o facto de não termos desmontado o contraforte não nos permitiu observar os esteios pelo exterior, pelo que algumas das suas formas, aliás representadas a tracejado nos desenhos, são até certo ponto hipotéticas.

Fig. 17 — Sanja Leste-A. Perfil W-E. Estratigrafia descrita no texto.

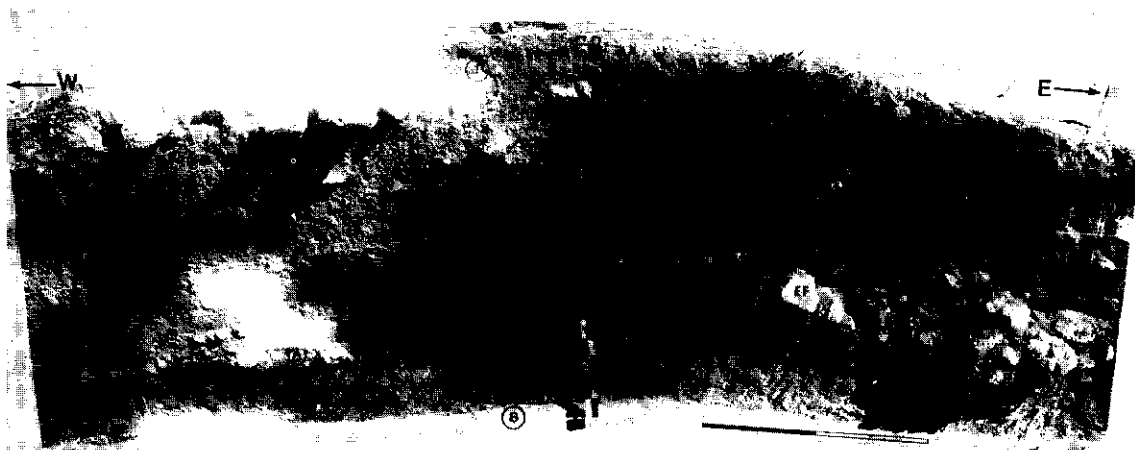


Fig. 18 — Sanja Leste-A., lado norte. Corte W-E. Detalhe, abrangendo o Fg e Eg. Foto tirada de Sul.

## 5. ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

### 5.1. Material lítico

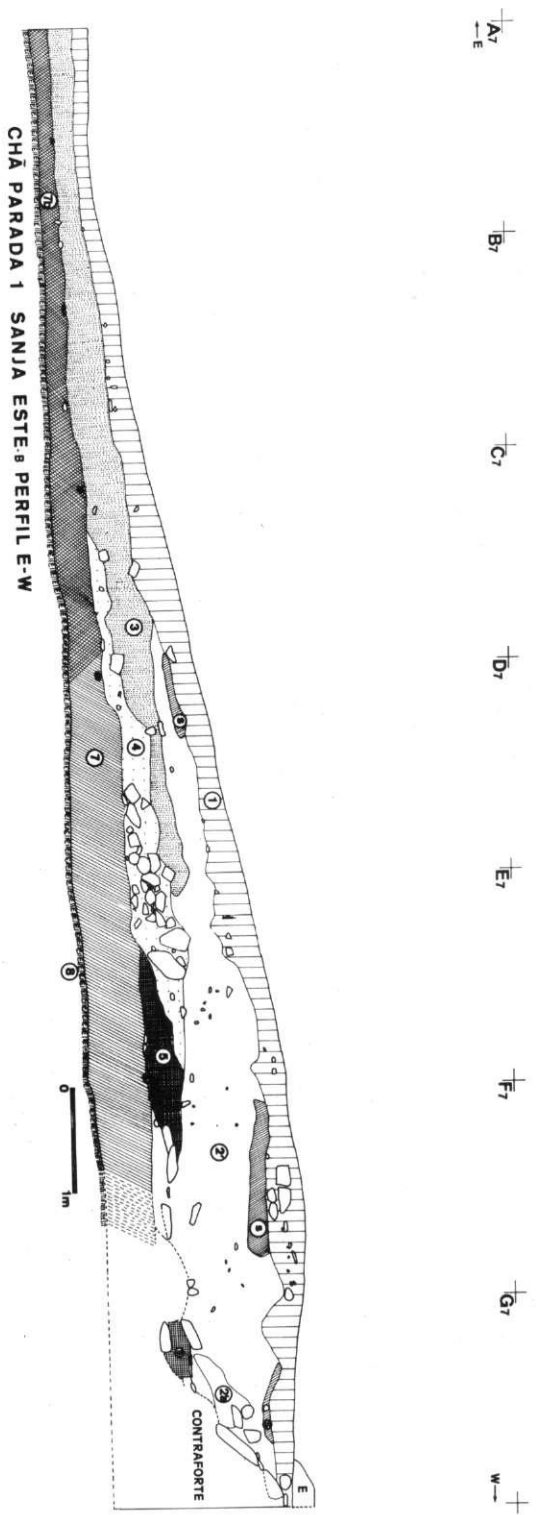
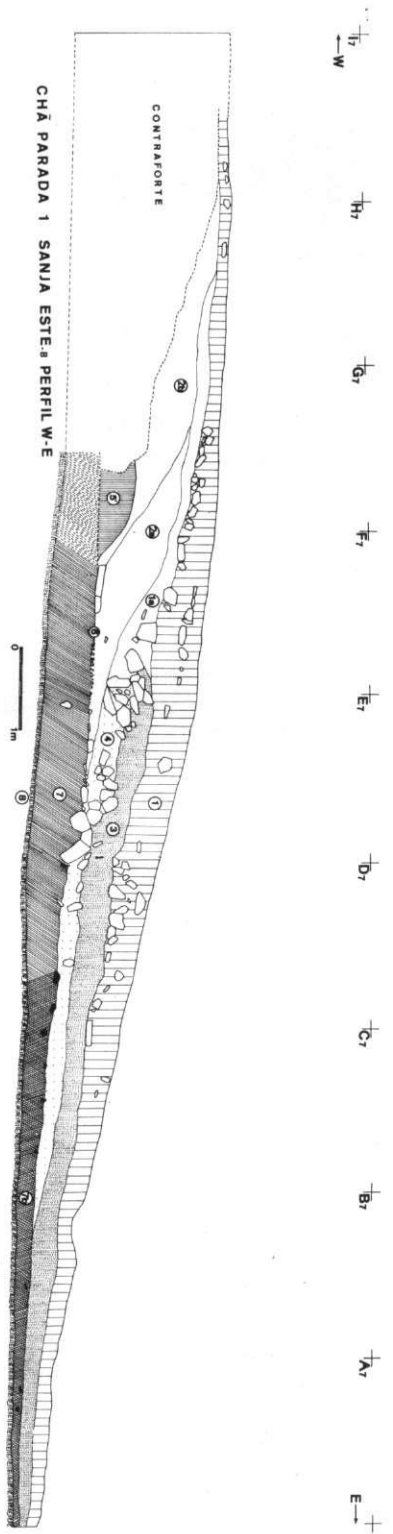
#### Lascado

#### a) *Micrólitos* (Fig. 29)

Classificados segundo o sistema do G.E.E.M. (21).

N.º DE ORDEM	LOCALIZAÇÃO (22)	TIPOLOGIA	MATÉRIA-PRIMA (23)	DIMENSÕES (24)		
				Comp.	Larg.	Esp.
1	Ig. x — 0,52 m; y — 1,48 m; z — 3,02 m. Sob o esteio 1 da câmara. Terras revolvidas.	Triângulo escaleno irregular.	Sílex	2,9 cm	1,2 cm	0,4 cm
2	F7. Testemunho. Camada 2. Peneiração. z — 2,44-2,64 m.	Trapézio simétrico com truncaturas muito oblíquas.	Sílex	1,9 cm	1,2 cm	0,3 cm
3	Gg. x — 0,70 m; y — 1,16 m; z — 3,06 m. Camada 2.	Triângulo escaleno irregular.	Quartzo hialino	2,4 cm	1,2 cm	0,3 cm
4	E7. Testemunho. Camada 2. x — 2 m; y — 1,20 m; z — 2,56 m.	Triângulo escaleno irregular.	Quartzo hialino	2,2 cm	1,5 cm	0,3 cm





Figs. 19 (à esq.) e 20 (à dir.) — Sanja Leste-B — perfis E-W e W-E. Estratigrafias descritas no texto.

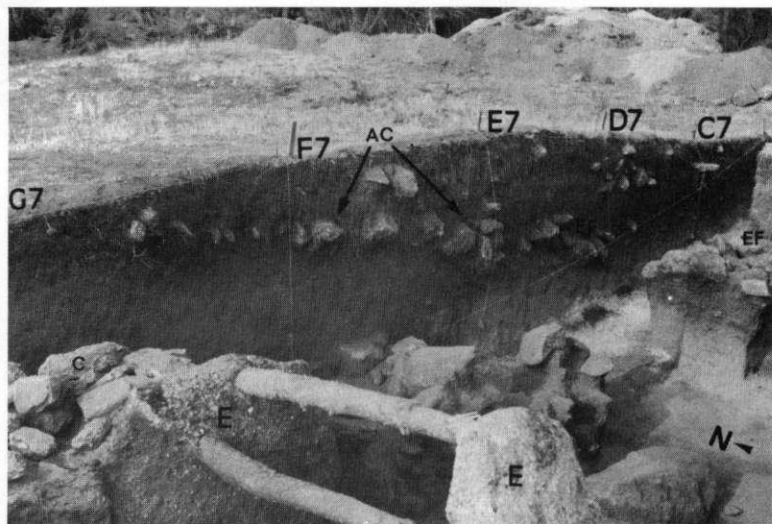


Fig. 21 – Sanja Leste-B, lado norte. Corte W-E. Detalhe, abrangendo de G7 a D7 (e parcialmente C7). Foto tirada aproximadamente de SW. Em primeiro plano, parte do corredor. AC – anel de contenção lateral da mamoa; EF – estrutura de fecho; E – esteios.

b) Pontas de seta (Fig. 30)

Classificadas de acordo com o critério de S.O. Jorge (1986, p. 55), simplificado.

N.º DE ORDEM	LOCALIZAÇÃO	TIPOLOGIA	MATÉRIA-PRIMA	DIMENSÕES		
				Comp.	Larg.	Esp.
1	Hg. x – 0,68 m; y – 1,10 m; z – 2,94 m. Camada 2.	Ponta de seta de base triangular, com esboço de aletas, mediana. Retoque cobridor, bifacial.	Sílex	3 cm	1,8 cm	0,6 cm
2	Hg. x – 0,74 m; y – 1,93 m; z – 2,89 m. Corredor. Terras revolvidas.	Ponta de seta de base triangular, com aletas, alongada. Retoque bifacial, marginal.	Sílex	3 cm	1,3 cm	0,3 cm
3	Hg. z – 3,04 m. Corredor. Terras revolvidas.	Ponta de seta de base triangular, com esboço de aletas, alongada. Retoque cobridor, bifacial.	Sílex	2,8 cm	0,9 cm	0,5 cm
4	Hg. z – 2,89 m. Corredor (lado norte do quadrado). Terras revolvidas.	Ponta de seta de base triangular, com aletas, mediana. Retoque bifacial, cobridor no anverso, marginal no reverso.	Sílex	2,1 cm	1,3 cm	0,4 cm
5	F7. Testemunho. Camada 2. Peneiração. z – 2,76 m.	Ponta de seta de base triangular, com esboço de aletas, mediana. Retoque cobridor, bifacial.	Quartzo hialino	2,4 cm	1,5 cm	0,5 cm

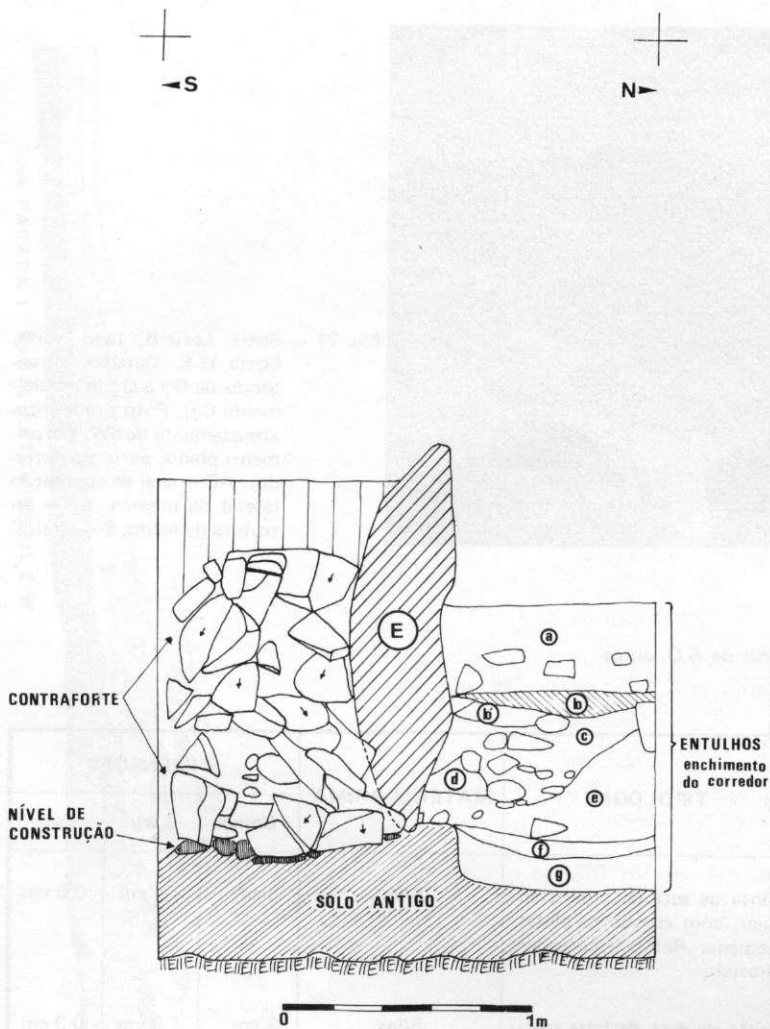


Fig. 22 — Sanja Leste-A. Hg. lado W. Estratigrafia do corredor (v. texto). O esteio (E) e o contraforte encontram-se em projecção.

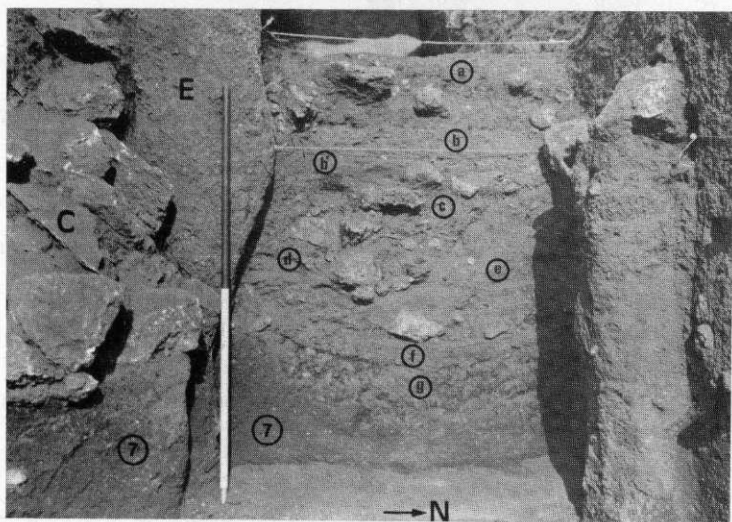


Fig. 23 — Mesmo assunto da fig. anterior, visto em fotografia, tirada de leste. A escala mede 1 m.





Fig. 24 — Corredor, lado norte: base, fragmentada *in situ*, do esteio Co5. Foto tirada de sul.

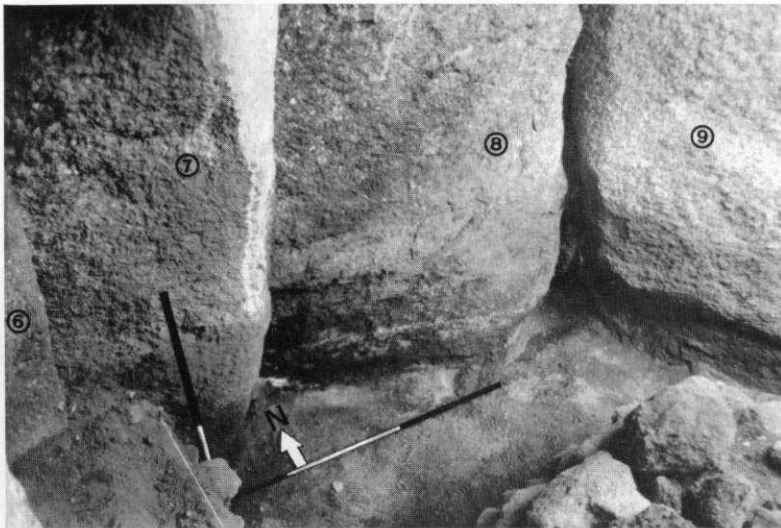


Fig. 25 — Interior da câmara. Lado norte (vista parcial). Esteios 7, 8 e 9, no momento em que a escavação atingiu o saibro de base; vê-se a extremidade inferior do esteio 9 assente em terra.

CHÃ PARADA 1 - DÓLMEN

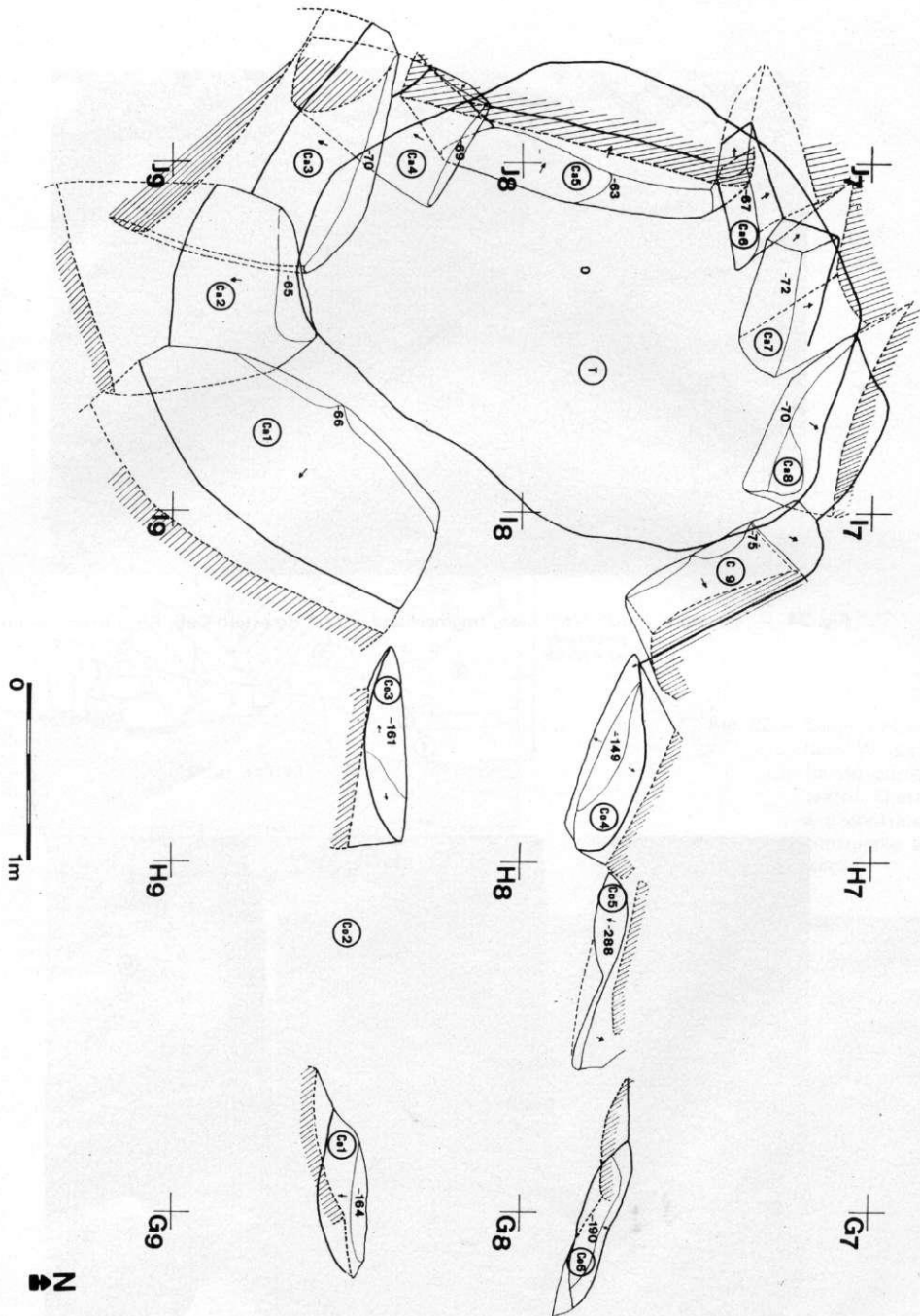


Fig. 26 — Planta do dólmen, com projecção horizontal dos esteios. *Linhas mais espessas*: tampa; contacto dos esteios com a mamoa, no exterior; *linhas tracejadas*: delimitação convencional da base dos esteios (também preenchida a tracejado); *linhas sobrepostas* por outros esteios, ou meramente hipotéticas.

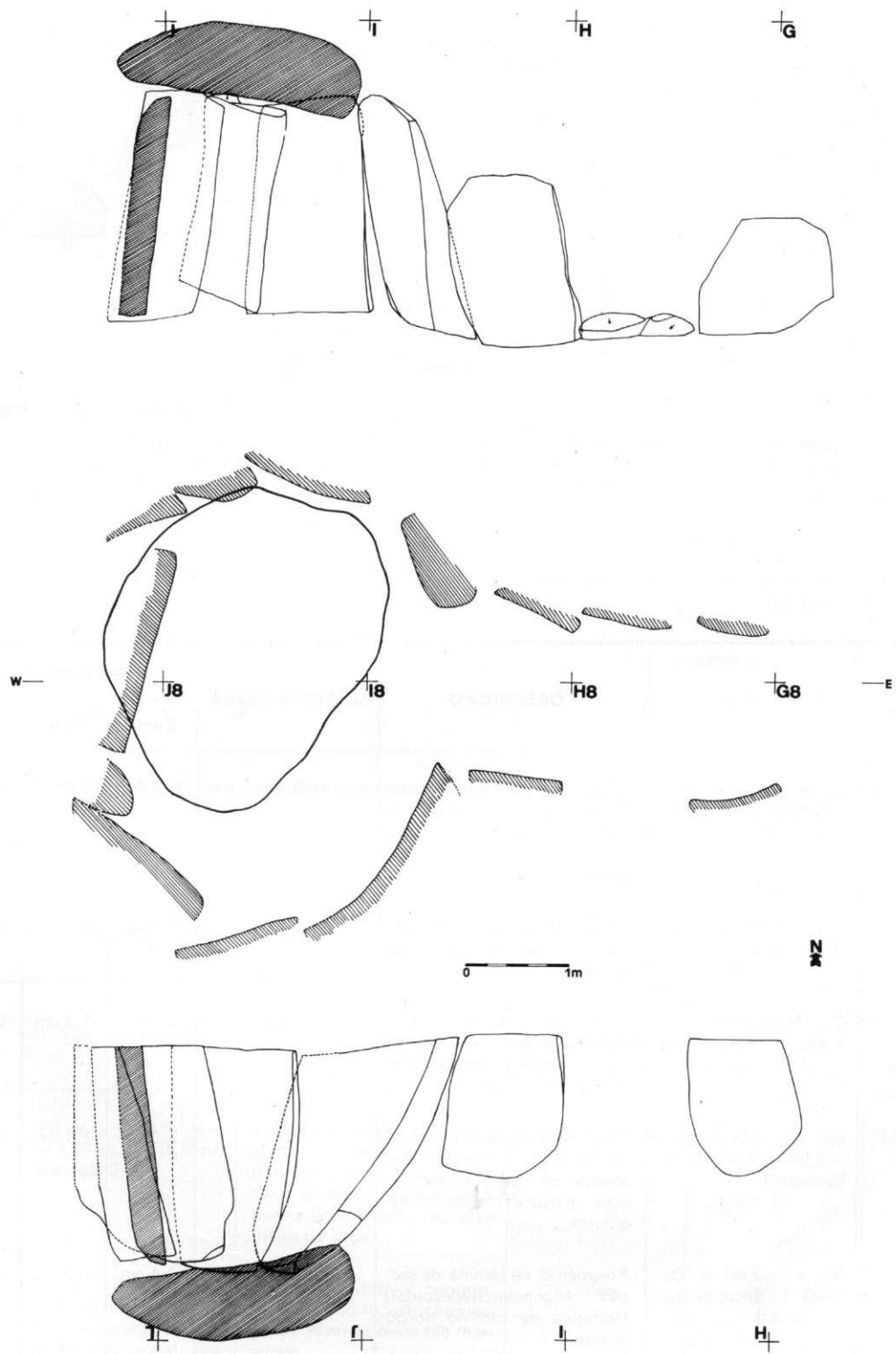


Fig. 27 — Planta e secções (norte e sul) do dólmen.

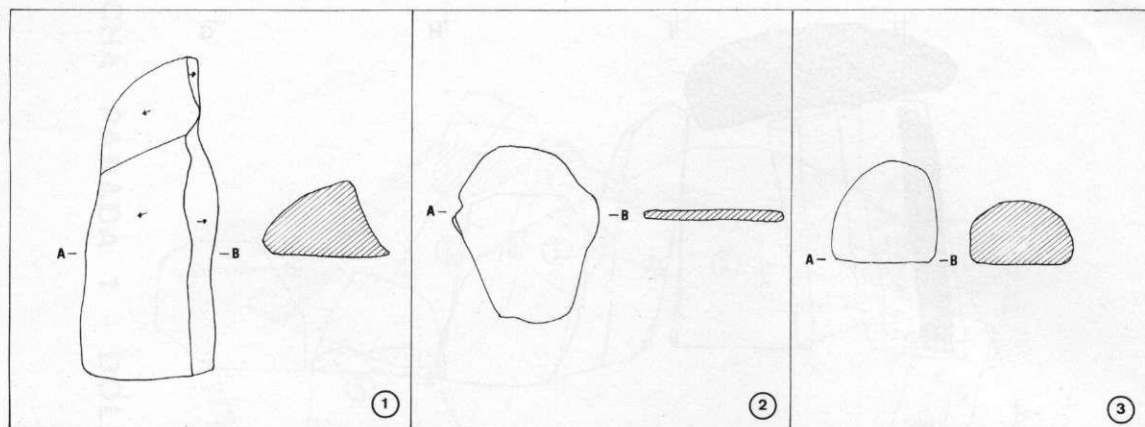


Fig. 28 — 1 — parte de um esteio de corredor (encontrada no Hg, em 2 frag. — v. Fig. 8); 2 — laje encontrada no Gg (elemento de "porta" do corredor?); 3 — fragmento de bloco detectado no J<sub>12</sub> (elemento do dólmen, deslocado?).

c) *Lâminas e lamelas* (Fig. 31)

Para distinguir as segundas das primeiras, utilizámos o critério de Merino (25).

N.º DE ORDEM	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO	MATÉRIA-PRIMA	DIMENSÕES		
				Comp.	Larg.	Esp.
1	Eg. x — 1,50 m; y — 0,30 m; z — 2,80 m. Camada 2.	Lâmina de secção triangular, fragmentada na extremidade distal. Retoques marginais na parte inferior do bordo esquerdo.	Sílex	6,6 cm	1,6 cm	0,5 cm
2	J <sub>10</sub> . z — 3,02-3,14 m. "Solo antigo".	Lamela de secção triangular, fragmentada na extremidade distal.	Sílex	2,2 cm	0,7 cm	0,4 cm
3	G7. Testemunho. Camada 2. Peneiração. z — 2,80-3,20 m.	Fragmento de lâmina de secção triangular/trapezoidal. Alguns retoques marginais nos bordos do reverso.	Sílex	2,5 cm	1,3 cm	0,4 cm
4	Eg. x — 0,26 m; y — 0,50 m; z — 2,80 m. Camada 2.	Fragmento de lâmina retocada de secção triangular. Retoques oblíquos, marginais, mais intensos no bordo esquerdo.	Sílex	2,5 cm	1,6 cm	0,6 cm
5	F7. z — 2,40 m. Camada 1. Entre pedras (couraça?).	Fragmento de lâmina de secção triangular/trapezoidal. Vestígios de uso no bordo direito.	Quartzo hialino	2,4 cm	1,2 cm	0,5 cm



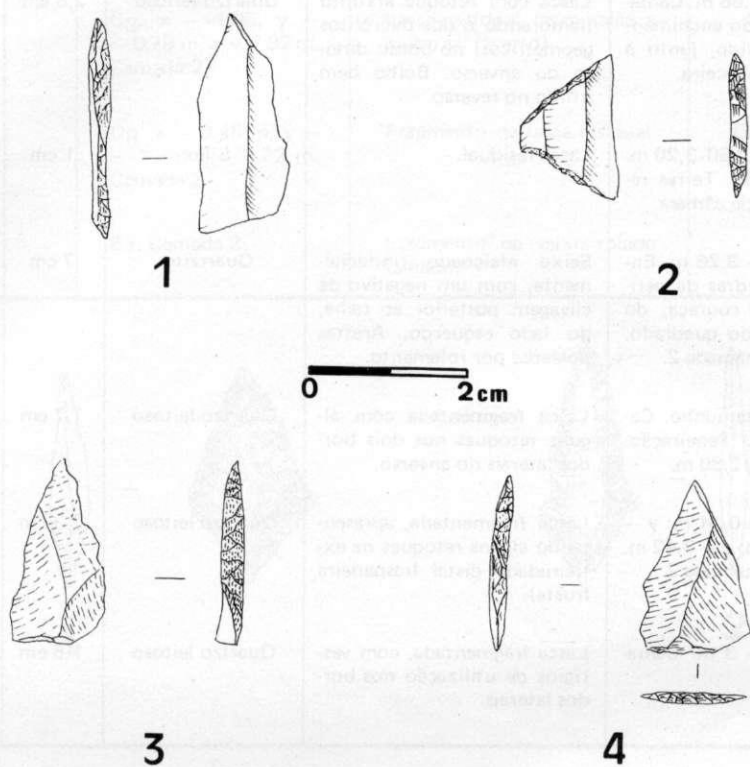


Fig. 29 — Micrólitos geométricos (a numeração corresponde à do quadro) (desenhos S.O. Jorge).

d) Outras peças (Fig. 32, para os n.ºs 1 a 3)

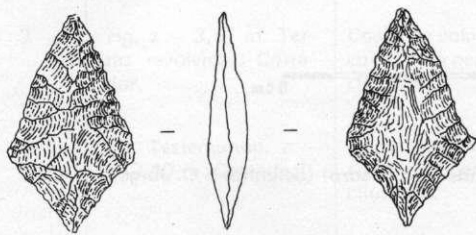
N.º DE ORDEM	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO	MATÉRIA-PRIMA	DIMENSÕES		
				Comp.	Larg.	Esp.
1	Fig. x — 0,72 m; y — 1,24 m; z — 3,16 m. Camada 2.	Lasca com retoques concentrados na parte superior dos dois bordos do anverso. Talão e bolbo situados obliquamente em relação ao eixo maior da peça.	Quartzo hialino	2,7 cm	2 cm	0,5 cm
2	Fig. x — 0,50 m; y — 0,25 m; z — 3,40 m. Sob as pedras da "estrutura de fecho". Camada 4.	Lasca com retoques, sobretudo no bordo superior esquerdo do reverso, onde são marginais.	Sílex	2,6 cm	1,5 cm	0,7 cm

3	J7. z - 3,66 m. Câmara; base do enchimento revolvido, junto à laje de cabeceira.	Lasca com retoque abrupto (lembrando o dos micrólitos geométricos) no bordo direito do anverso. Bolbo bem nítido no reverso.	Quartzo leitoso	2,8 cm	1,7 cm	0,5 cm
4	J7. z - 2,80-3,20 m. Peneiração. Terras revolvidas da câmara.	Lasca residual.	Sílex	1 cm	1,1 cm	0,3 cm
5	J12. z - 3,26 m. Entre as pedras da periferia da couraça, do lado W do quadrado. Base da camada 2.	Seixo afeiçãoado unifacialmente, com um negativo de clivagem posterior ao talhe, do lado esquerdo. Arestas boleadas por rolamento.	Quartzito.	7 cm	9 cm	5,1 cm
6	G7. Testemunho. Camada 2. Peneiração. z - 2,60-2,80 m.	Lasca fragmentada com alguns retoques nos dois bordos laterais do anverso.	Quartzo leitoso	1,7 cm	1 cm	0,5 cm
7	Gg. x - 0,34 m; y - 1,17 m; z - 3,42 m. Base da camada 2.	Lasca fragmentada, apresentando alguns retoques na extremidade distal (raspadeira fruste).	Quartzo leitoso	2,3 cm	2,5 cm	0,5 cm
8	Gg. z - 3 m. Camada 2.	Lasca fragmentada, com vestígios de utilização nos bordos laterais.	Quartzo leitoso	1,8 cm	1,9 cm	0,8 cm

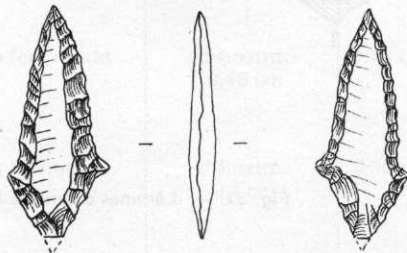
Ocorreram ainda:

N.º DE ORDEM	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO	MATÉRIA-PRIMA
9 e 10	F8. z - 3,14-3,24 m. Camada 2.	Lasca residual.	Corneana
11	E7. Testemunho. Camada 4. z - 3,40 m.	Lasca residual de um seixo rolado.	Corneana
12	C7. Testemunho. Peneiração. Camada 4.	Lasca residual, de pequenas dimensões.	Sílex
13	F8. z - 2,30-2,70 m. Camada 2.	Fragmento de lasca residual.	Quartzo hialino
14	F8. z - 2,50 m. Camada 2.	Fragmento de lasca residual.	Corneana
15	J10. z - 2,46 m. Junto ao contraforte. Camada 2.	Lasca de um seixo rolado.	Quartzito

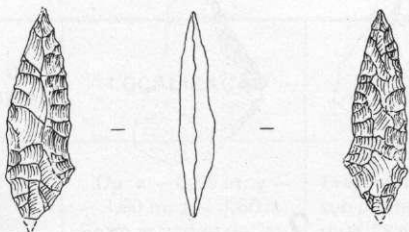
16	Gg. x — 1,05; y — 0,79 m; z — 2,92 m. Camada 2.	Lasca residual (com talão e bolbo no reverso).	Quartzito leitoso
17	Dg. x — 0,48 m; y — 1 m; z — 3,22 m. Camada 2.	Fragmento de lasca residual.	Quartzito silicioso
18	E7. Camada 2.	Fragmento de seixo rolado talhado.	Quartzito



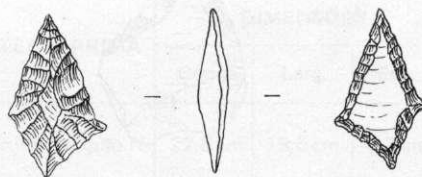
1



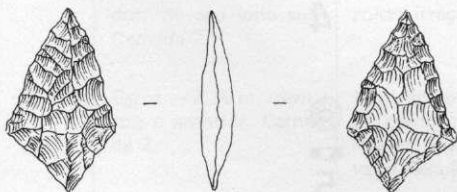
2



3



4



5



Fig. 30 — Pontas de seta (a numeração corresponde à do quadro) (desenhos S.O. Jorge).

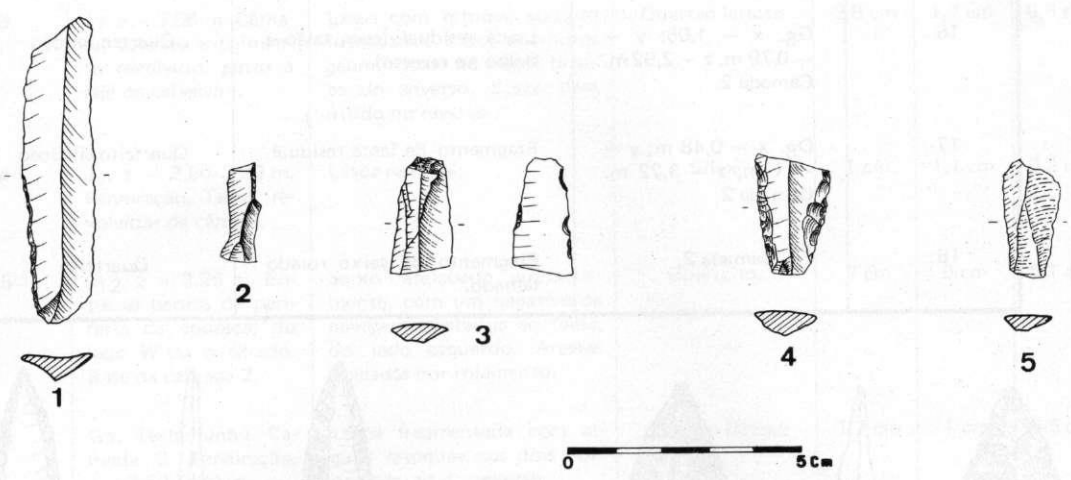


Fig. 31 — Lâminas e lamelas (a numeração corresponde à do quadro) (desenhos S.O. Jorge).

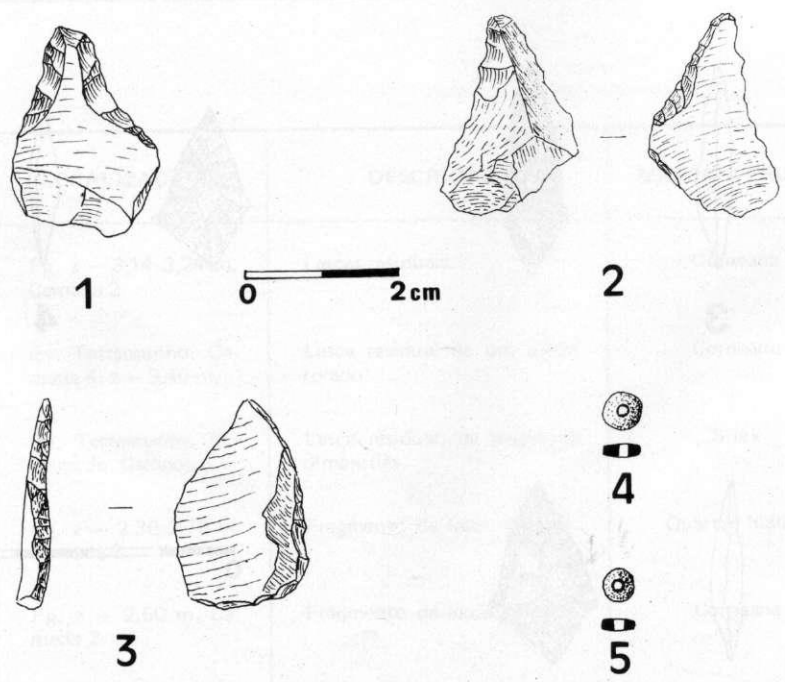


Fig. 32 — Lascas retocadas (1 a 3) e contas discóides em xisto (4 e 5) (v. quadros) (desenhos S.O. Jorge).



**Polido** (Fig. 32 — 4 e 5, para os n.<sup>os</sup> 2 e 3, respectivamente)

N.º DE ORDEM	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO	MATÉRIA-PRIMA	DIMENSÕES		
				Comp.	Larg.	Esp.
1	Jg. z — 3,60 m. Extremidade sul da câmara. Terras revolvidas.	Pequeno fragmento de machado (ou enxó) de pedra polida, mostrando parte do gume, muito boleado.	Anfibolito (?) extremamente alterado.	4,9 cm	1 cm	0,9 cm
2	Hg. z — 3,57 m. Terras revolvidas. Corredor.	Conta de colar, achatada, circular, com perfuração central cilíndrica.	Xisto (cor negra).	diâmetro: 0,45 cm		0,15 cm
3	E7. Testemunho. z — 2,40 m. Camada 1.	Conta de colar, achatada, circular, com perfuração central cilíndrica.	Xisto (cor negra).	diâmetro: 0,4 cm		0,15 cm

**Moinhos manuais (elementos dormentes)** (Figs. 33, 34 e 35)

N.º DE ORDEM	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO	MATÉRIA-PRIMA	DIMENSÕES		
				Comp.	Larg.	Esp.
1	Dg. x — 0,55 m; y — 1,80 m; z — 3,50 m. Entre as pedras da "estrutura de fecho". Camada 4.	Fragmentado, de contorno sub-pentagonal, utilizado nas duas faces (porém, no anverso está mais polido do que no reverso). Secção sub-retangular.	Granito (de grão fino).	22,5 cm	19,5 cm	8,7 cm
2	Gg. z — 2,10 m. Na extremidade leste do contraforte do corredor, do seu lado sul. Camada 2.	Fragmentado, de contorno sub-trapezoidal, utilizado nas duas faces. Secção sub-trapezoidal irregular.	Granito (de grão médio).	34 cm	29 cm	16 cm
3	Gg. z — 2,30 m. <i>idem</i> , sob o anterior. Camada 2.	Ligeiramente fragmentado, de contorno sub-pentagonal; reverso acentuadamente convexo. Secção semi-circular.	Granito (de grão médio).	34 cm	26 cm	21 cm
4	Gg. z — 2,50. <i>idem</i> , sob o anterior. Camada 2.	Fragmentado, de contorno sub-retangular, e secção sub-trapezoidal.	Granito (de grão médio).	28 cm	17,5 cm	13,5 cm

5	G7. x - 0,52 m; y - 1,30 m; z - 2,68 m. Entre as pedras do contraforte do corredor, do lado norte (v. fig. 8). Camada 2.	Fragmentado, de contorno sub-losângico, utilizado nas duas faces. Secção sub-trapezoidal.	Granito (de grão fino a grosso).	38 cm	23 cm	12 cm
6	H7. z - 2,32 m. Entre as pedras do contraforte, do lado norte do corredor, para o exterior do esteio em falta. Camada 2.	De forma sub-rectangular, apresenta uma fractura na base, talvez intencionalmente produzida para facilitar o seu encaixe no contraforte.	Granito (de grão fino).	36 cm	16 cm	12 cm

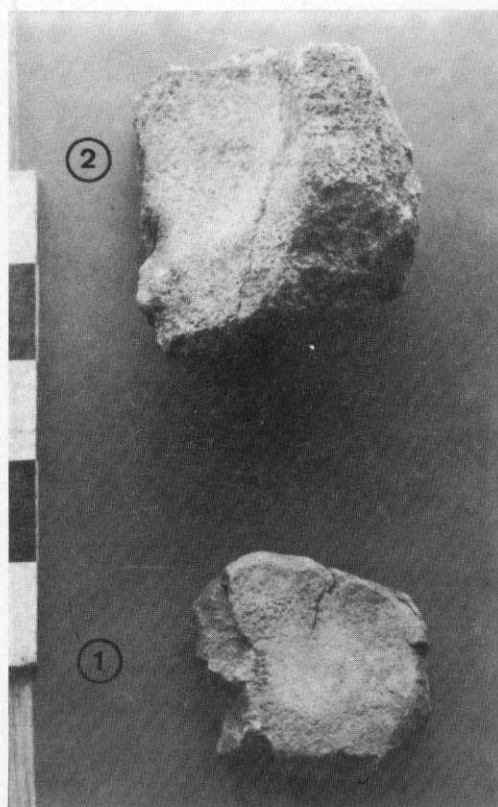


Fig. 33 — Moinhos 1 e 2 (v. quadro).

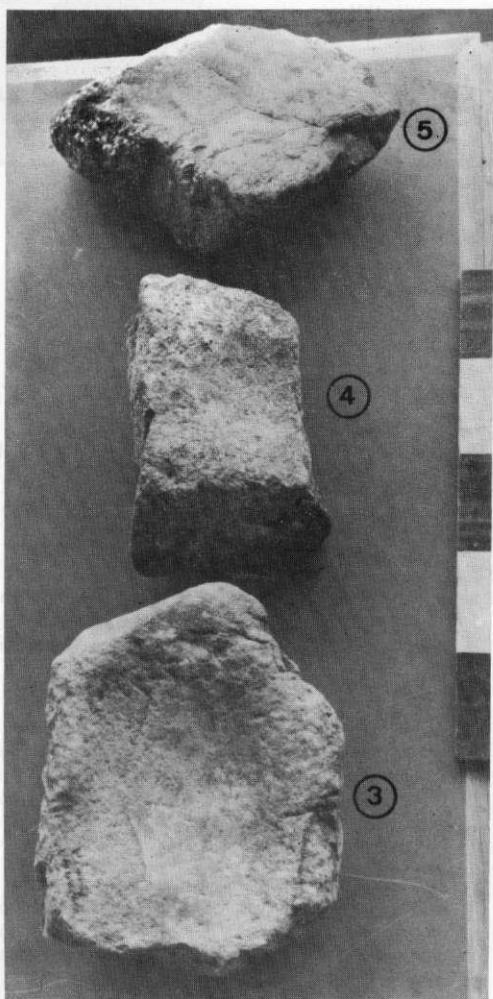


Fig. 34 — Moinhos 3, 4 e 5 (v. quadro).



Fig. 35 — Moinho 6 (v. quadro).

Seixos rolados

N.º DE ORDEM	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO	MATÉRIA-PRIMA
1	Ig. z — 3,37 m. Terras revolvidas. Corredor.	—	Rocha granítica, moscovítica, de grão fino.
2	Hg. z — 3,20-3,50 m. Terras revolvidas. Corredor.	De pequenas dimensões.	Feldspato de cor amarelada.
3	J7. z — 2,80-3,20 m. Terras revolvidas. Câmara.	Fragmentado.	Felito.
4	J11. z — 2,86 m. Camada 2.	De pequenas dimensões.	Filádio.
5	Ig. z — 3,40 m. Terras revolvidas. Junção câmara-corredor.	Sub-elíptico, alongado, achatado. Comp. — 7,3 cm; esp. — 1,2 cm.	Xisto.
6	H7. Testemunho. z — 3,30 m. Terras revolvidas do corredor.	De pequenas dimensões.	Felito.
7	Gg. z — 3,06 m. Camada 2.	De pequeníssimas dimensões. Pátina amarelada.	Quartzito.
8	Ig. z — 3,60 m. Terras revolvidas. Câmara.	Grande seixo rolado ovóide. Comp. — 13,8 cm; esp. — 7,5 cm.	Granito.
9	Fg. z — 2,64 m. Camada 2.	De pequenas dimensões. Pátina bege.	Quartzito.
10	G7. Testemunho. z — 2,60 m. Camada 2.	De pequenas dimensões.	Feldspato alterado.

11	<i>idem.</i>	De pequenas dimensões.	Quartzito.
12	<i>idem.</i>	De pequenas dimensões.	Feldspato alterado.
13	J13. x - 1,65 m; y - 0,42 m; z - 3,20 m. Camada 1.	Seixo rolado alongado, fragmentado. Comp. - 6,8 cm; larg. - 2,3 cm; esp. - 1,6 cm.	Rocha anfibolítica.
14	Gg. z - 3,16 m. Camada 2.	De pequenas dimensões. Pátina bege.	Quartzito.
15	Jg. z - 1,86 m. Camada 1 (revolvimentos superficiais).	Seixo de contorno sub-elíptico, achatado. Pátina castanha. Em perfeito estado de conservação. Comp. - 8,8 cm; larg. - 6,5 cm; esp. - 3 cm.	Quartzito.
16	Ig. z - 3 m. Terras revolvidas. Corredor.	De pequenas dimensões, alongado.	Rocha granítica de grão muito fino, alterada.
17	G7. Testemunho. z - 2,36 m. Camada 2.	De minúsculas dimensões. Pátina castanho-escura.	Quartzito.

## 5.2. Material cerâmico

Ocorreram várias dezenas de fragmentos de vasos cerâmicos, mas, na sua maioria, de tão pequenas dimensões, que a informação que contém é praticamente nula. Apartando um conjunto de fragmentos feitos com roda de oleiro, de aspecto "histórico" (que entregámos ao Dr. Mário

Barroca, da F.L.U.P., para análise), restam-nos essencialmente quatro "grupos", que poderemos esquematizar assim: cerâmica lisa (embora alguns exemplares pudessem ter pertencido a vasos campaniformes); cerâmica com decoração em caneluras (1 frag.); cerâmica com decoração de "tipo Boquique" (1 frag.); cerâmica com decoração de tipo campaniforme (3 frag.).

N.º DE ORDEM	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO	DIMENSÕES			FIGURA
			Alt.	Larg.	Esp.	
1	Ig. z - 3,10 m. Corredor. Terras revolvidas.	Fragmento de bordo de vaso liso, de fabrico manual, como todos os restantes. Lábio arredondado, fino. Cor negra. Superfícies polidas.	2,5 cm	3 cm	0,6 cm	36, n.º 1
2	<i>Idem.</i>	Fragmento de bordo de vaso liso. Lábio plano. Cor castanho-escura.	2 cm	2,5 cm	0,7 cm	-
3	Gg. x - 0,91 m; y - 0,86 m; z - 3,08 m. Camada 2.	Fragmento de bordo de vaso liso. Lábio aplanado. Pasta grosseira. Matéria orgânica carbonizada aderente à sup. interna, que é negra.	4,5 cm	2,9 cm	0,8 cm	36, n.º 2



4	F7. z - 2,74 m. Camada 2.	Fragmento de vaso com pega horizontal. Pasta grosseira. Cor castanha com manchas negras.	2,8 cm	3,6 cm	1,5 cm (na pega) 0,7 cm	36, n.º 3
5	F8. z - 3,08 m. Camada 2.	Fragmento de bordo de vaso liso. Pasta grosseira. Cor castanho-alaranjada na sup. externa, negra nas fracturas e sup. interna.	5,1 cm	4,3 cm	1,1 cm	36, n.º 4
6	G7. z - 2,86-3,06 m. Testemunho. Camada 2.	Fragmento de bordo de vaso liso. Lábio arredondado. Pasta grosseira. Cor negra. Matéria orgânica aderente à sup. externa.	2,1 cm	3,4 cm	1 cm	36, n.º 5
7	<i>Idem.</i>	Fragmento de vaso decorado com linhas incisas, paralelas e horizontais, muito finas e pouco profundas. Cor negra.	2,8 cm	2,2 cm	0,6 cm	—
8	Ig (1 frag.). z - 3,40 m. Câmara. Terras revolvidas. J7 (2 frags.). z - 2,80-3,20 m. Câmara. Terras revolvidas.	Fragmentos (colados) de um fundo de vaso (campaniforme?). Espécie de " <i>omphalos</i> " mas com a parte central convexa. Pasta compacta. Cor castanha nas superfícies, que são alisadas, e alaranjada nas fracturas.	1,5 cm	6 cm	0,7 cm	37, n.º 3

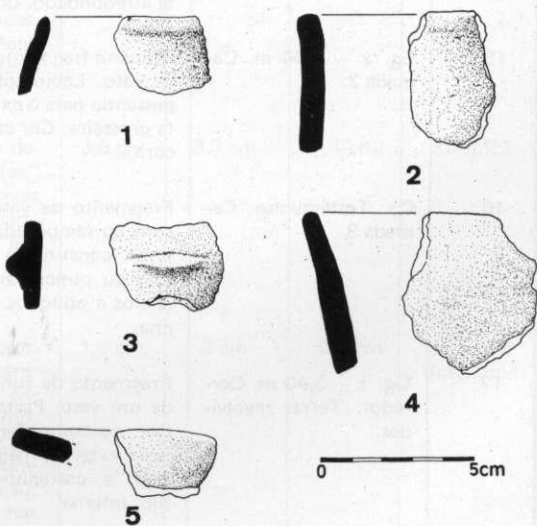


Fig. 36 — Fragmentos de vasos lisos (o n.º 3 tem pega horizontal) (desenhos S.O. Jorge).

N.º DE ORDEM	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO	DIMENSÕES			FIGURA
			Alt.	Larg.	Esp.	
9	G7. x - 2 m; y - 0,35 m; z - 2,78. Camada 2.	Fragmento de bordo de vaso com lábio plano, e arranque de asa, de inserção vertical, a partir do bordo. Pasta grosseira. Cor negra. Na sup. externa, estrias paralelas, do fabrico.	4,3 cm	3,8 cm	0,8 cm	—
10	Gg. z - 3,30 m. Terras revolvidas, à entrada do corredor.	Fragmento de bordo de vaso liso. Lábio aplanado. Cor castanho-escura e negra.	3,1 cm	2,6 cm	0,8 cm	—
11	Hg. z - 2,72 m. Corredor. Terras revolvidas.	Fragmento de bordo de vaso liso. Lábio ligeiramente arredondado. Cor castanho-escura. Matéria orgânica aderente à sup. externa.	2,4 cm	2,2 cm	0,8 cm	—
12	G7. Testemunho. z - 2,50-2,70 m. Camada 2.	Fragmento de bordo de vaso (campaniforme?). Lábio fino, arredondado. Pasta compacta. Cor castanha nas superfícies e alaranjada nas fracturas.	1,5 cm	2,8 cm	0,4 cm	—
13	E7. Testemunho. z - 2,30-2,50 m. Camada 1.	Fragmento de bordo de vaso liso. Lábio ligeiramente arredondado. Pasta grosseira. Cor negra. Matéria orgânica aderente à sup. externa.	2,5 cm	2,8 cm	0,8 cm	—
14	Gg. z - 2,72 m. Camada 2.	Pequeno fragmento de bordo de vaso. Lábio ligeiramente arredondado. Cor bege.	1,6 cm	1,8 cm	0,8 cm	—
15	Eg. z - 2,64 m. Camada 2.	Pequeno fragmento de bordo de vaso. Lábio aplanado, espessando para o exterior. Pasta grosseira. Cor castanho-escura.	1,6 cm	1,8 cm	1 cm	—
16	C7. Testemunho. Camada 3.	Fragmento de vaso com decoração (amputada pela fractura) constituída por incisões ou puncionamentos paralelos e oblíquos. Cor castanha.	2,9 cm	3,5 cm	0,8 cm	—
17	Gg. z - 3,40 m. Corredor. Terras revolvidas.	Fragmento de fundo (plano) de um vaso. Pasta grosseira. Cor castanho-alaranjada na sup. externa, negra no núcleo e castanho-escura na sup. interna.	1,6 cm	3,9 cm	1,1 cm	—

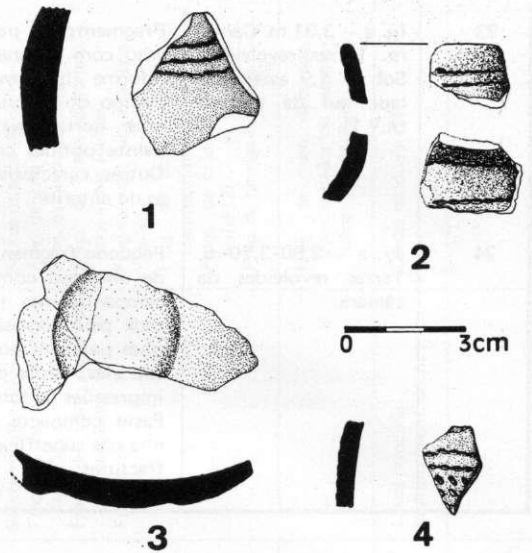


Fig. 37 — Fragmentos de vasos decorados (1 — de tipo "Boquique"; 2 e 4 — campaniformes) e fundo de um vaso (campaniforme ?) (3). V. quadro (des. S. O. Jorge).

N.º DE ORDEM	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO	DIMENSÕES			FIGURA
			Alt.	Larg.	Esp.	
18	Gg. x — 1,12 m; y — 0,84 m; z — 2,64 m. Camada 2.	Pequeno fragmento de bordo de vaso. Lábio aplanado, espessando para o exterior. Pasta grosseira. Cor castanha.	2,3 cm	2 cm	1 cm	—
19	J12. z — 3,30 m. "Solo antigo" — camada 4 (v. perfil N-S).	Fragmento de bordo de vaso liso. Lábio arredondado, fino. Cor alaranjada.	3,8 cm	3,2 cm	1 cm	—
20	Dg. z — 3,10 m. Camada 2.	Pequeno fragmento de um vaso decorado com caneluras largas e pouco profundas. Cor castanha escura. Matérias carbonizadas aderentes à superfície externa.	1,6 cm	2,2 cm	0,6 cm	—
21	Fg — 2,50 m. Camada 1.	Fragmento de vaso com decoração de tipo "Boquique" (puncionamentos sucessivos alinhados). Três linhas paralelas entre si formam "grinalda". Pasta grosseira. Cor castanha.	3,5 cm	3,3 cm	1 cm	37, n.º 1
22	Gg. x — 0,32 m; y — 1,90 m; z — 2,46 m. Camada saibrosa compactada, subjacente à camada 1.	Pequeno fragmento de bordo de vaso com decoração campaniforme. Duas linhas onduladas paralelas ao bordo, provavelmente obtidas com matriz de concha. Pasta compacta. Cor castanha nas superfícies e alaranjada nas fracturas.	1,6 cm	2 cm	0,4 cm	37, n.º 2 (frag. sup.)

23	Ig. z — 3,31 m. Câmara. Terras revolvidas. Sob o 1.º esteio do lado sul da câmara (n.º 1).	Fragmento da pança de um vaso com decoração campaniforme (provavelmente, o mesmo do anterior). Três linhas horizontais, provavelmente obtidas com concha. Outras características iguais às do anterior.	1,8 cm	2,5 cm	0,6 cm	37, n.º 2 (frag. inf.)
24	J7. z — 2,80-3,20 m. Terras revolvidas da câmara.	Pequeno fragmento da pança de um vaso com decoração campaniforme, muito alterada pela corrosão. Duas linhas paralelas horizontais e, sob elas, fiadas de pequenas impressões de forma elíptica. Pasta compacta. Cor castanha nas superfícies, bege nas fracturas.	2,1 cm	0,6 cm	0,5 cm	37, n.º 4

### 5.3. Comentários ao espólio arqueológico

Consultando o quadro de distribuição do material mais importante do monumento, não podemos retirar, infelizmente, grandes conclusões, uma vez que se não trata de um espólio abundante e particularmente informativo, e que uma grande parte dele se não encontra em posição primária. Apesar de tudo, e à excepção da Mamoa 1 da Cruz de Ferro, é talvez esta a mamoa da Aboboreira que revelou um espólio mais interessante, o que já era de esperar, tratando-se de um dólmen de corredor, arquitectonicamente bem conservado. Este mesmo facto, porém, terá também contribuído para que ele servisse de pólo de atracção dos "violadores" de todas as épocas.

No que toca ao solo antigo, revelou poucos materiais, todos na Sanja Sul. De notar que a cerâmica de cor alaranjada, de que se descreve apenas um fragmento, por ser de bordo, era característica desta camada (presumivelmente) anterior ao monumento: tanto o J10 como o J11 revelaram vários fragmentos da mesma; mas bem podiam todos pertencer ao mesmo vaso.

Verificamos depois que é na "camada 2" da Sanja Leste que se concentra a maior parte do espólio encontrado. De notar, todavia, que essa "camada" corresponde a uma certa simplificação da realidade observada, como demos conta na nomenclatura e descrição dos cortes. Essa realidade era heterogénea, produto sem dúvida de revolvimentos e de deposições várias, sendo indubitável que, pelo menos nas duas extremidades, norte e sul, da Sanja Leste, a camada 2 (aí subdividida em a e b) se encontrava *in situ*. Contudo, foi principalmente na área central, fronteira ao corredor, que esta camada (indicada com 2' nos dois perfis desenhados no "testemunho" entre as Sanjas Leste-A e Leste-B) se revelou mais abundante em achados.

Finalmente, apesar de todos os revolvimentos, tanto a câmara como o corredor deram alguns materiais significa-

tivos, certamente simples resquícios do que, durante o seu tempo de utilização funerária, ali terá sido deposto. O facto de um fragmento de vaso campaniforme proveniente da mesma câmara dever pertencer ao mesmo objecto de cujo bordo que se encontrou uma parte, a pouca profundidade, na quadrícula G8, é apenas um pequeno testemunho do estado profundamente destruído e deslocado em que se encontra todo o espólio deste dólmen.

Passaremos agora a comentar cada grupo de materiais atrás descritos.

### Micrólitos

Bastante frequentes nas mamoas da Aboboreira — com destaque para a de Igrejinhas, onde ocorreram nove (v. J. Cleto e S. Faro, neste vol.) — e até noutros monumentos com *tumulus* do N. de Portugal, como a Mamoa de Pena Mosqueira (Mogadouro), onde surgiram treze (v. M. Jesus Sanches, *Arqueologia*, 15, Junho 87, pp. 94-115). De notar, apesar de tudo, que no monumento que estudamos se exumaram três triângulos, que constituem o tipo habitualmente menos frequente no megalitismo da Aboboreira e nortenho em geral.

### Pontas de seta

De uma forma muito geral, as cinco pontas de seta encontradas em Chã de Parada 1 não destoam das suas congéneres provenientes de outros megalitos do N. de Portugal: base triangular, com aletas nítidas ou simplesmente esboçadas. No entanto, as suas pequenas dimensões distinguem-nas das até aqui mais frequentemente referidas. A relação altura/largura máximas permite-nos dividir os cinco exemplares em dois sub-grupos, um nitidamente mais alongado (2, 3) do que o outro (1, 4, 5); o primeiro, con-



QUADRO DA DISTRIBUIÇÃO DO MATERIAL MAIS IMPORTANTE NO MONUMENTO

DÓLMEN		TUMULUS				
CÂMARA	CORREDOR	SANJA SUL		SANJA LESTE		
				A	B	
Micrólito (triângulo) Lasca retocada Lasca residual Machado (?) polido Seixos rolados (2) Frag. de fundo de vaso (campaniforme ?) Frag. da pança de vaso campaniforme (*) Frag. da pança de vaso campaniforme	Pontas de seta (3) Conta de colar Seixos rolados (4) Fragmentos de bordos cerâmicos lisos (4) Frag. de fundo plano de um vaso	1	Seixos rolados (2)	1	Frag. de vaso com decoração de tipo "Boquique"	Lâmina Conta de colar Frag. de bordo de vaso liso
		2	Seixo afeiçãoado Lasca de seixo rolado Seixo rolado	s	Frag. de bordo de vaso com decoração campaniforme (*)	
				2	Micrólito (triângulo) Ponta de seta Lâminas (2) Lascas retocadas (2) Lasca utilizada Lascas residuais (5) Moinhos (elem. dorm.) (3) Seixos rolados (3) Frag. de bordos de vasos lisos (5) Frag. de vaso decorado com caneluras Frag. ocre	Micrólito (trapézio) Micrólito (triângulo) Ponta de seta Lâmina Lasca retocada Seixo rolado talhado Moinhos (elem. dorm.) (2) Seixos rolados (4) Frag. de vaso com pega Frag. de bordo de vaso liso Frag. de vaso decorado com linhas incisas Frag. de vaso com arranque de asa Frag. de bordo de vaso (campaniforme ?) Frags. de crânio(s) humano(s) (2) Frag. de falange humana
				3		Frag. de vaso decorado com incisões ou punçõnamentos oblíquos
				4	Lasca retocada Moinho (elem. dorm.)	Lascas residuais (2)
				7 ("solo antigo")	Lamelas Frag. de bordo de vaso liso	

NOTAS AO QUADRO

A nomenclatura das camadas estratiigráficas encontra-se simplificada, tal como já acontecia na descrição do material feita atrás.

A excepção da cerâmica e dos ossos, todos os objectos são indicados como se estivessem inteiros.

Um asterisco (\*) indica que os fragmentos em causa podem pertencer ao mesmo objecto.

jugando esse alongamento com as modestas dimensões referidas, adquire um certo carácter *sui generis* no contexto nortenho.

Na sequência do seu trabalho de 1943, de parceria com G. Leisner (26), V. Leisner apresentou em 1961, num estudo de colaboração sobre as grutas artificiais de Palmela (27), uma sistematização das pontas de seta do Sul peninsular. No seu 1.º grupo reuniu "todas as formas de base triangular, redonda ou pedunculada", no qual se integram, na sua generalidade, as pontas de seta "megalíticas" do Norte do país. A autora acentua que: — este grupo tem uma vasta distribuição na Península, maior do que o de base côncava; — à medida que nos distanciamos dos "centros" de predominância deste último, o grupo em causa vai-se tornando mais importante, para se apresentar como único no Norte de Portugal e na Galiza; — nos monumentos megalíticos do N. do país (refere exemplos da Beira Alta) esta forma apresenta uma configuração mais alongada e de maiores dimensões, mantendo a base convexa. Olhando para o quadro que apresenta (Pl.C), quer-nos parecer que os exemplares de Chã de Parada se integrariam bem no seu tipo 10, equivalente afinal, ao que cremos, à forma 6 dos *Megalithgräber* (1943, pp. 428, fig. 16, e 430).

### Lâminas e lamelas

Entre todas, destaca-se o exemplar n.º 4, com um retoque total (pelo menos no fragmento que resta), o que não é habitual no megalitismo do Norte do país, onde, na maior parte dos casos, tal retoque ou não existe, ou é parcial.

### Outras peças de pedra talhada

Uma referência ao exemplar n.º 5, que, pela pátina e grau de rolamento, poderia ser um artefacto arcaico (paleolítico?) trazido para o monumento por os respectivos construtores lhe conferirem qualquer significado especial, até porque não mostra quaisquer sinais de utilização posterior ao seu talhe. Não se trata de caso único nas mamoaas da Aboboreira, onde têm ocorrido, embora de forma rara, outros artefactos do mesmo tipo.

### Contas de colar de xisto

Referenciadas com os n.ºs 2 e 3 entre o material lítico polido. São de um tipo relativamente frequente no megalitismo. Só na Mamoa 2 de Aliviada (Arouca) (embora o autor descreva a sua perfuração como bicônica, o que não é o caso das nossas) ocorreram 935 (Silva, *Arqueologia*, 15, Junho 87, pp. 77-91). Em Abril de 1986, observando os cortes da Mamoa 3 de Chã de Parada, vizinha da que estudamos, encontramos uma conta idêntica à desta, embora mais fina (esp. — 0,1 cm) e tosca (diâmetro: 0,6 cm;

perfuração descentrada). Foi detectada no canto NW do H7, a uns 0,80 m de profundidade, numa área em que, a uma cota inferior, se notam ainda restos do contraforte da câmara.

### Moinhos manuais

De notar que só apareceram elementos dormentes, todos fragmentados, e, com excepção de um (n.º 2), integrados no contraforte do corredor. Continuamos a atribuir-lhes o mesmo significado de achados congêneres anteriores: o de serem utensílios fora de uso, reaproveitados como material de construção.

### Seixos rolados

É também interessante a relativa abundância de seixos rolados neste monumento, apesar de eles ocorrerem em quase todas as mamoaas deste conjunto "megalítico". São, em Chã de Parada 1, de variadas formas e dimensões, tanto podendo ter cumprido uma função ritual, como eventualmente servido, num ou noutro caso, como polidores de cerâmica. Isto se excluirmos a sua utilização nalgum "piso" primitivo da câmara ou corredor, como parecia ocorrer em Outeiro de Ante 1, o que aqui cremos ser uma hipótese muito remota, não só porque nada na escavação apontava para ela, como também tendo em conta a variabilidade, já assinalada, de morfologia e tamanho.

### Cerâmica

Destacamos três "géneros" de cerâmica: a decorada com caneluras (1 frag.), aquela que apresenta punção arrastado (1 frag.) e a de tipo campaniforme (3 frags., e possivelmente mais 2).

- **Decoração com caneluras** — Este tipo de ornamentação tem ocorrido noutros monumentos com *tumulus* da Aboboreira, nomeadamente em Serrinha 2 (28), Chã de Santinhos 2 (29) e Furnas 2 (30). O fragmento de Chã de Parada 1 (n.º 20) é particularmente semelhante a alguns encontrados em Chã de Santinhos, no nível de base do *tumulus*, interpretável como resto do solo antigo da área, soterrado pelo monumento. Lembremos que duas lareiras escavadas no topo desse solo deram as seguintes datas pelo C14:  $3.040 \pm 50$  e  $2.980 \pm 50$  a.C. (não calibradas). Também em Furnas 2 um fragmento com este género de decoração provém do solo antigo subjacente ao *tumulus*. É possível que estejamos perante um estilo decorativo neolítico ou de tradição neolítica mas, perante a escassez de fragmentos e a impossibilidade de reconstituir formas, mesmo essa afirmação já comporta risco, pois nada nos

garante que se trate de um grupo cerâmico minimamente coerente.

- **Decoração com puncionamento arrastado**, ou de tipo "Boquique" (n.º 21) — ocorreu também em Furnas 2, nas terras *in situ* do *tumulus*, sendo portanto, com toda a probabilidade, anterior a este (31). Cada vez mais se torna evidente, a nível peninsular, que esta técnica decorativa é muito remota, parecendo surgir não só no Neolítico antigo meridional, como, com toda a certeza, em momentos adiantados do Neolítico, e nada tendo a ver com a ambiência cultural de Cogotas I, à qual antigamente se reportava toda a cerâmica de "tipo Boquique". Na Meseta Norte são particularmente de citar, entre outros, a cueva de La Vaquera (Segóvia), a de Nogaleta (mesma região) e o povoado de Peña del Bardal (Ávila) (32). É possível que também na Aboboreira esta técnica decorativa pertença a um Neolítico final - Calcolítico, não só no caso dos túmulos, mas, talvez até, no de dois habitats em que ocorreu: Tapado da Caldeira (inf. Susana O. Jorge) e Lavra (v. artigo de M.ª de Jesus Sanches, neste volume — esta autora, todavia, aponta para uma cronologia mais recente). Refira-se, também, que o puncionamento arrastado aparece no Norte de Portugal em povoados cuja cronologia se estende, pelo menos, desde o Neolítico Final ao Calcolítico, e que foram recentemente estudados e publicados por Susana O. Jorge (33); no entanto, tal puncionamento é, neste caso, feito com um estilete largo, o que provoca um efeito diferente daquele que é mais habitual ou "típico". Acrescente-se, ainda, que cerâmicas que se integram neste "mundo" do "Boquique" neo-calcolítico têm ocorrido na Estremadura portuguesa e, ultimamente também, na Beira Alta, como por ex. no Buraco da Moura (Seia) (34).
- **Cerâmica campaniforme** — dois fragmentos (n.ºs 22 e 23), pertencentes provavelmente ao mesmo vaso, integram-se no complexo marítimo, variante linear, tendo a particularidade das decorações serem feitas por impressão de bordo de concha. Na Galiza, tal motivo tem aparecido quer em povoados (O Regueiriño, Pontevedra; O Fixón, *idem*) quer em dólmenes (Parxubeira, Coruña), considerando os investigadores dessa área que se trata da utilização do molusco *Chlamis opercularis* (35). Também no povoado da Pastoria (Chaves) esta técnica está presente (36). Um outro fragmento (n.º 24), além de linhas horizontais (que, pelo seu grau de alteração, é difícil de dizer se foram produzidas com pente ou com concha, embora esta última hipótese seja mais provável), apresenta pequenos punccionamentos elípticos, lembrando um exemplar de Outeiro de Ante 2 (n.º 4) (37). Podemos articulá-lo com o estilo pontilhado geométrico, que ocorre

com frequência no Noroeste peninsular. Pelo tipo de pasta, outros fragmentos parece também pertencerem a campaniformes: num caso (n.º 8) trata-se de um fundo de vaso (composto por três cacos, que admitiram colagem) que parece definir uma espécie de "omphalos", nada típico porém, uma vez que a parte central da "depressão" é convexa, e não côncava, como é habitual; finalmente, temos um pequeno fragmento de bordo liso, mas que bem poderia corresponder a um recipiente de tipo campaniforme (n.º 12).

Seja como for, o dólmen 1 de Chã de Parada vem enriquecer o panorama do campaniforme do Norte do país, onde esta cerâmica continua a ser relativamente rara (38). Até agora, na Aboboreira, e no que toca a túmulos escavados, tinha apenas surgido em Outeiro de Ante 2, em Monte Maninho, e no excepcional monumento de Cruz de Ferro 1, estudado, tal como o anterior, por Domingos Cruz. Esta última mamoa, para além da cerâmica, revelou também, no *tumulus*, dois punhais, e cinco pontas de tipo Palmela, de cobre; encontrando-se tal material metálico *in situ*, é extremamente provável que o túmulo tenha sido construído em época campaniforme, e não reutilizado pelos portadores desta cerâmica, interpretação corrente quando ela ocorre em monumentos de tipo "megalítico". Esperamos para breve a publicação dos resultados desta escavação, peça essencial das investigações do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira (39).

## 6. OUTRAS RECOLHAS

### a) Ocre

Pequenos fragmentos de ocre de cor vermelha viva foram encontrados no F8, corte W-E, à cota de - 2,70 m (camada 2) (40).

### b) Material osteológico (Fig. 38)

De grande interesse pela sua raridade em contexto dolménico, foram recolhidos alguns fragmentos de ossos, compondo três amostras com a seguinte localização:

- 1 — G7. Testemunho. Camada 2. Cota: 2,46-2,66 m. Prof. em rel. à superfície do solo actual: c. de 0,36-0,56 m.
- 2 — G7. Testemunho. Camada 2. Cota: 2,88-3,08 m. Prof. em rel. à superfície do solo actual: c. de 0,76-0,96 m.
- 3 — F7. Testemunho. Camada 2. Cota: 3-3,20 m. Prof. em rel. à superfície do solo actual: c. 1-1,20 m.

Submetemo-las ao exame do Senhor Prof. Doutor Caria Mendes, do Instituto de Anatomia Normal da Faculda-

de de Medicina de Lisboa que, de colaboração com o Dr. Henrique Restani, emitiu o seguinte parecer:

“Os signatários, após terem observado os fragmentos que constituem o espólio ósseo da Anta n.º 1 de Chã de Parada, da Serra da Aboboreira, do concelho de Baião, são do parecer seguinte:

1. Os dois fragmentos encontrados na área da quadrícula G7 (amostras 1 e 2), são muito provavelmente restos humanos pertencentes às regiões parietais. Não se atrevem a afirmar se pertencem a um ou dois crânios. As estruturas ósseas cranianas estão bastante conservadas reconhecendo-se perfeitamente a tábua externa e a tábua interna. São sem dúvida restos ósseos de um homem adulto.

2. O fragmento ósseo bastante diferente proveniente da mesma anta, que estava jazente na área da quadrícula F7, afigurou-se-nos, com muita probabilidade, tratar-se duma porção de muito reduzidas dimensões duma falange digital da mão ou do pé. Admitimos igualmente que deve ter pertencido a um homem adulto ou jovem adulto.

Porto, 18 de Dezembro de 1987.” (41)

#### c) Fruto (?) carbonizado

Encontrado no E7, na desmontagem do testemunho situado entre as sanjas Leste-A e Leste-B. Ocorreu na peneiração, e infelizmente não podemos precisar se provém da camada 1 ou da camada 2. Cota: 2,40-3,10 m. Prof. em rel. à superfície do solo actual: 0-0,70 m.

Enviámo-lo ao Senhor Eng.º A.R. Pinto da Silva, da Est. Agronómica Nacional, que sobre ele emitiu o seguinte parecer:

“Corpúsculo de 5 mm de altura e 5,5(6) mm de diâmetro, pomiforme, deprimido-umbilicado nos dois pólos, mais no basal. Superfície transversal e finalmente rugulosa (quando observada a 40 X) e  $\pm$  “estalada” (correspondendo a um epicarpo delgado?). Cicatriz apical subpoligonal, fina. Corpúsculo maciço, a massa celular-poligonal, dura mas raspável com a agulha, sulcado-fibroso axialmente duma depressão à outra. Inclusos na massa dois pequeníssimos corpúsculos subglobosos, lisos, sublustrados, duros, acastanhados, *não carbonizados*, soltos na massa (um deles perdeu-se; o outro ainda ficou *in situ*).

Será um bolota (*Quercus* sp.) incipiente (e abortada?), com ovos de insecto? Actual?

(O corpúsculo foi fracturado com o auxílio de uma agulha para se efectuar o exame. A agulha pode ter deixado sulcos brilhantes na massa.)” (42)

#### d) Sedimentos para análise pedológica

Com este fim, foram recolhidas duas séries de amostras:

- na Sanja Sul, “coluna” de amostras provenientes, sucessivamente (de cima abaixo), da camada 1, superficial (am. 1), da camada 2 (ams. 2, 3 e 4), e da camada 4 (“solo antigo”) (am. 5, do topo, e am. 6,

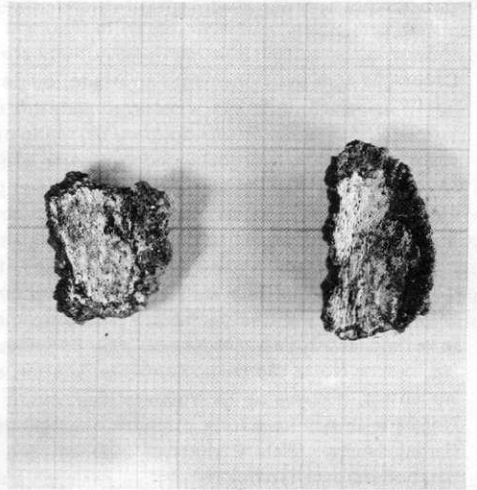


Fig. 38 - Fragmentos de ossos humanos (à esq., amostra 2; à dir., amostra 1).

da parte média);

- na Sanja Leste-A, e dado o seu particular interesse para a interpretação geral do monumento, foram efectuadas recolhidas nas seguintes camadas da quadrícula F8 (Corte W-E): camada 5 (prof. média em rel. ao solo actual: 1,20 m) (am. 7); camada 7 (solo antigo) (prof. média 1,46 m; am. 8).

Foram remetidas ao Centro de Pedologia da Universidade Técnica de Lisboa, dirigido pelo Senhor Prof. Doutor Rui Pinto Ricardo. Aguardamos os resultados das respectivas análises (43).

#### e) Carvões para análise antracológica

38 amostras foram preparadas e enviadas para o Laboratório de Paleobotânica da Universidade de Montpellier (França), sob a direcção do Prof. J.-L. Vernet, e onde a Dra. Isabel Figueiral, da equipa do Campo Arqueológico da Aboboreira, se encontra a preparar um doutoramento baseado na análise antracológica de carvões provenientes das estações arqueológicas do Campo.

#### f) Carvões para datação radiocarbónica

Com este fim, possuímos c. de uma dezena de amostras, das quais uma foi remetida ao Instituto de Ciências e Engenharia Nucleares (INETI), e a outra ao Laboratório de Radiocarbono de Gif-sur-Yvette (CNRS, França). A primeira provém do “solo antigo” (D7 — camada 7 — cota: 3,90 m; prof. em rel. à superfície do solo actual: 1,30 m), a segunda da camada 4, relacionada com a “estrutura de fecho” (Sanja Leste). Os resultados da primeira análise (que dividiu a amostra em duas, como se verá a seguir) já



nos foram comunicados pelo Doutor Peixoto Cabral, director do Departamento de Química daquele Instituto, e pelo Eng.<sup>o</sup> Monge Soares, investigador do mesmo. Ei-los:

REF. DO LABORATÓRIO	REF. DA AMOSTRA	TIPO	$\delta^{13}\text{C}$ (‰)	IDADE (anos BP)	DATA CALIBRADA
ICEN-172	Chã de Parada 1 - 1A - E	Extracto NaOH	- 26,3	4900 ± 260	-
ICEN-173	Chã de Parada 1 - 1A	Madeira Carbonizada	- 26,3	4610 ± 45	3635 - 3155 cal AC

#### Comentários do Laboratório:

ICEN-172: "A datação foi efectuada no extracto de hidróxido de sódio proveniente dos fragmentos de madeira carbonizada com dimensões superiores a 4 mm constituintes da amostra 1 do monumento de Chã de Parada 1."

ICEN-173: "A datação foi efectuada em fragmentos de madeira carbonizada com dimensões superiores a 4 mm constituintes da amostra do monumento de Chã de Parada 1.

A data calibrada foi obtida pela curva de Klein *et al.* (*Radiocarbon*, 24 (2), 1982, pp. 103-150)."

Do Anexo enviado pelo mesmo Laboratório, da autoria dos dois citados investigadores, permitimo-nos ainda transcrever o seguinte:

"A data ICEN-172 é estatisticamente idêntica à data ICEN-173, o que aumenta a fiabilidade desta última, permitindo-nos considerar os meados ou a última metade do IV<sup>o</sup> milénio AC como *terminus post quem* para o monumento de Chã de Parada 1."

Se utilizássemos datas convencionais, estaríamos, com probabilidade, perante um monumento construído durante a primeira metade do III<sup>o</sup> milénio a.C., o que estava precisamente dentro das nossas expectativas. Falta porém realizar mais datações para termos uma visão cronológica deste monumento mais precisa.

## 7. PALAVRAS FINAIS

Apesar de reduzida a meras sondagens, a intervenção feita no dólmen 1 de Chã de Parada — que deverá ter con-

tinuação em ulteriores trabalhos no mesmo monumento — foi de inequívoco alcance científico. Realizada na sequência de nove anos de escavações megalíticas na Aboboreira, e portanto aproveitando de uma experiência de trabalho sem a qual não nos abalzaríamos a empreender o estudo de um monumento desta importância — ela permitiu, desde logo, compreender mais detalhadamente a arquitectura do dólmen, precisando a sua característica de monumento de corredor curto. Forneceu dados que contribuirão para a sua datação, e para uma melhor compreensão do seu significado no todo do conjunto megalítico: referimo-nos ao espólio, apesar de tudo mais rico do que é habitual na Aboboreira, e aos carvões para datação radiocarbónica. Finalmente (e para nós esta é a descoberta mais significativa) revelou, na parte fronteira ao corredor, a presença de uma estrutura "de fecho" ou "pavimento", assente sobre o solo antigo, sobre a qual, pelo menos em determinado momento da "vida" deste monumento, se poderia aceder a um espaço que deveria estar "aberto", la-deado, de norte e de sul, por anéis laterais de contenção da mamoa. Não vamos ao ponto de falar de um "átrio" (44), como é próprio de certos monumentos europeus, mas não descartamos a hipótese de estarmos perante uma estrutura que poderia ter cumprido, em pequena escala, as mesmas funções. Será agora preciso escavar outros dólmenes semelhantes, no Norte e no Centro do país, para verificar se este dispositivo se repete noutros casos, como parece acontecer em Madorras 1, no concelho de Sabrosa. O desafio aqui fica, dirigido aos colegas que estudam megalitismo: o de escavarem outros dólmenes de corredor curto, onde a mamoa "ultrapassa" largamente em extensão os limites da galeria de acesso à câmara, alertados como agora ficam para os ensinamentos que podem advir dessa zona dos monumentos. Mais do que nunca, só interessa escavar para resolver problemas previamente colocados pelo investigador, de forma clara, e baseados em experiências anteriores. Se a nossa fomentar outras investigações frutuosas, teremos sido recompensados do esforço de uma escavação particularmente difícil.

## NOTAS

- (1) Extractos archeologicos das "Memorias parochiais de 1758" (coligidos por P.A. de Azevedo), *O Archeologo Português*, vol. IV, n.ºs 7-9, Julho/Setembro 1898, p. 252. Como é sabido, as "Memórias Paroquiais" resultam de um inquérito feito no séc. XVIII pela Academia Real da História, encontrando-se os originaes das respostas ao mesmo arquivados na Torre do Tombo (J. de Alarcão, *Introdução ao Estudo da História e do Património Locais*, Coimbra, Inst. de Arqueologia da Fac. de Letras, reimp. 1987, pp. 21-22). Os dois excertos que se apresentam mostram que já naquela época a câmara do dólmen se encontrava esvaziada do seu conteúdo, e perfeitamente acessível a quem nela quisesse entrar.
- (2) *Idem, ibidem*, vol. VI, n.º 3, Março 1901, p. 69.
- (3) Materiaes para o inventario archeologico do concelho de Baião. II. Dolmen e mamôas do Monte da Aboboreira, *Portugalia*, t. II, fasc. 4, 1908, pp. 672-673. O autor comete um erro ao afirmar que a tampa da anta se encontra assente sobre todos os esteios da câmara. Quando refere que ao corredor falta a maior parte dos esteios, sugere que originalmente ele seria muito maior do que de facto se verificou, através da escavação. Quanto à "orla de pequenas pedras" que rodearia a mamoa, ou se trata de qualquer confusão, ou então o autor alude à periferia da couraça de revestimento, que poderia ter sido posta parcialmente a descoberto por qualquer escavação.  
De notar que J. de Vasconcelos pouco mais faz do que copiar parte do que já J. Augusto Vieira escrevera em 1887, na sua obra *O Minho Pitoresco* (Lisboa, Liv. de A.M. Pereira - Editor, t. II). A pp. 434-435, escreve este autor: "(...) em plena serra da Aboboreira, no vasto platô denominado a Chã de Parada, nós encontramos a lendaria *casa dos mouros* ou *dolmen* (...). A situação do dolmen é sobre um tumulo ou monticulo de terreno, havendo muito proximo, na mesma linha, duas outras mamôas, em uma das quaes especialmente se notam evidentes vestigios da existencia de outro dolmen. O que a nossa gravura representa [trata-se do monumento estudado neste trabalho] está ainda muito regularmente conservado, não obstante as *procuras de thesauros*, com que os lavradores das proximidades o tem damnificado. Consta de nove pedras,

incluindo a cobertura, e tem mais cinco do lado esquerdo e tres do lado direito da entrada, que é, como de costume, voltada a oriente.

"A situação d'este dolmen e mamôas é, como dissemos, em um vasto platô da serra da Aboboreira, platô que bem poderia comparar-se a uma bacia primitiva, cujos relevos plutonicos são formados a occidente pelo agglomerado de penedias, chamado pelo povo *as meninas do crasto*, e por uma outra aggregação denominada o *Castanheiro excommungado* ou *Lapa das eguas*, que delimitam, por assim dizer, os tres concelhos de Amarante, Marco e Baião (...). A sensação que se experimenta nesta altitude de 1.002 metros acima do nivel do mar, com o espirito commovido diante d'estes vestigios de uma raça extincta, apenas vivendo nas lendas e nos seus monumentos cyclopicos, não pôde a palavra traduzil-a, a quem a não experimentou ainda. Mas essa atmospherá virgem e silenciosa da serra, o vento que sopra fresco como que impregnando de neve a resteva humilde, a rocha calcinada e núa desafiando o céu e ameaçando a terra, parece que nos segredam um cantico selvagem de força e de graça, onde se levanta o primeiro e inimitavel grito do homem dominando a terra, e do amor dominando o homem." Mais adiante, a pp. 466-467, quando aborda o concelho de Baião, Vieira volta a referir-se ao dólmen de Chã de Parada (apoiado, como em tantos outros aspectos relativos ao concelho, num escrito que lhe havia sido fornecido pelo Dr. Alexandre Cabral), nestes termos: "No cabeço denominado a *menina do crasto* brota uma fonte conhecida desde remotas eras por *fonte do mel*, ficando a uns setecentos metros de distância a *casa do mouro* ou dolmen (...). A mesa ou ara que cobre toda a anta é monolithe, tosca na fôrma, de granito duro e grosseiro, sem o menor vestigio de trabalho humano, nem signal ou marca symbolica, e tem a fôrma circular imperfeita, medindo 3,60 m de comprimento por 2,50 m de largo. Assenta em nove grandes lages de granito postas ao alto, com uma pequenissima inclinação para dentro e dispostas de modo que formam uma camara aparentemente circular. Todas estas nove pedras tem a mesma altura de 2,45 m, variando na largura de 1,50 m a 1,90 m. As mais largas são a do lado esquerdo da porta da camara, que tem de largo 1,90 m e a do fundo que tem igual largura. A espessura de todas elas regula por 25 centimetros, sendo todavia a mesa ou ara um pouco mais espessa, principal-

mente no centro. A porta da câmara que está voltada ao nascente mede na abertura horizontal 1,60 m aproximadamente e de alto 2,45 m.

"O aspecto e textura exterior do granito revelam que este monumento esteve durante muitos séculos coberto de terra até à mesa ou ara. As escavações aqui efectuadas nenhum resultado têm dado, o que não admira, porque há muitos anos ou séculos que foi devassada esta anta, a qual pela sua elegância, dimensões e bom estado de conservação, é um bom exemplar do género."

De reter, entre outros aspectos, a referência a contínuas "escavações" praticadas nesta anta. A este propósito, é interessante citar um passo de uma carta de M. Sarmento, de Agosto de 1884, em que este escreve: "(...) O Eduardo quando voltar a Baião (...) vae, diz elle, fazer explorações no dolmen da Fonte do Mel (...)" (Cartas de Francisco Martins Sarmento, *O Arqueologo Português*, vol. VI, n.ºs 8-12, Agosto/Dezembro, 1901, p. 188). Não admira o estado de profundo revolvimento em que encontramos todo o enchimento da câmara e do corredor.

- (4) Expansão da cultura megalítica no concelho de Amarante (subsídios para a história do povo amarantino), *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Vol. IV, fasc. I, 1928, p. 69.
- (5) Inéditos de Rui de Serpa Pinto. 3. As gravuras da Casa dos Moiros - Baião, *Arqueologia*, n.º 9, Junho 1984, pp. 125-126. Informa-nos Santos Júnior (Arte rupestre, *Congresso do Mundo Português*, Publicações, vol. I, Lisboa, 1940, pp. 374-375, nota 41) que "Rui de Serpa Pinto fez sobre este dólmen de S. João de Oxil uma comunicação à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (sessão de 14 de Fev. de 1933), referindo a existência no mesmo de pinturas e de gravuras. Esta descoberta daquele talentoso companheiro ficou inédita, pois a pouco mais de um mês da citada comunicação, Rui de Serpa Pinto morria vitimado por uma febre tifóide (23 de Março de 1933)".
- (6) *Verbreitung und Typologie der Galizisch-Nordportugiesischen Megalithgräber*, Marburg, 1938 (reprint Lisboa, 1977).
- (7) *The Megalithic Art of Western Europe*, Oxford, Clarendon Press, 1981.
- (8) V. também E. Shee e M.C. Garcia Martinez, Tres tumbas megalíticas decoradas en Galicia, *Trabajos de Prehistoria*, vol. 30, 1973, pp. 335-348.

- (9) Contribuição para o levantamento cartográfico do conjunto megalítico da Serra da Aboboreira (concelhos de Amarante e Baião), *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. I, Guimarães, pp. 30-31 e fig. 1.
- (10) V.O. Jorge, *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto — os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, Porto, Fac. de Letras, 1982, vol. I, pp. 583-586; vol. II, pp. 216-220. Este autor tinha já em 1979 publicado duas plantas, elaboradas por Eurídice Carvalho, em *O Megalitismo do Norte de Portugal, Actas da 1.ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, Porto, G.E.A.P., 1979, pp. 97 e 98. Uma delas foi reproduzida em R. Jousaume, *Des Dolmens pour les Morts*, Hachette, 1985, fig. 47, n.º 5.
- (11) V.O.J., Três dólmenes do distrito do Porto, *Arqueologia*, n.º 8, Dez. 1983, pp. 106-109.
- (12) Vítor Oliveira Jorge e Maria Margarida Moreira, Escavação da Mamoa 4 de Chã de Parada (Baião, 1987), *Arqueologia*, n.º 16, Dez. 1987, pp. 40-50. V. em particular as figuras 2, 3 e 4.
- (13) De notar que reservámos a intervenção neste monumento, limitada, como dissemos, a sondagens, para o 10.º anos consecutivo de escavações na Aboboreira, por forma a aproveitar toda a experiência anterior. Mesmo assim, o trabalho realizado está longe de ser perfeito e, sobretudo, abriu muitas pistas que convirá explorar em futuras escavações. Talvez este exemplo sirva de reflexão a certos jovens estudiosos que abraçam escavações complexas, nomeadamente de dólmenes de corredor, sem aparentemente se darem conta da responsabilidade que tais trabalhos envolvem, nomeadamente por interferirem com um património já de si muito ameaçado.
- (14) Agradecemos a estas instituições o apoio que nos concederam, bem como à direcção da Escola Secundária de Baião, onde as equipas ficaram instaladas. Também merece a palavra de reconhecimento a participação que a Prof.ª Doutora Susana O. Jorge, da Faculdade de Letras do Porto, teve nos trabalhos. Também os Drs. António da Silva Pereira, Margarida Santos Silva e Domingos J. da Cruz, investigadores do Campo Arqueológico, lhes deram momentaneamente o seu concurso, que agradecemos. Não é demais salientar a dedicação das sucessivas equipas de estudantes e de jovens licenciados que passaram pelas escavações, e que as tornaram possíveis, em

condições climáticas sempre agrestes como são aquelas em que se trabalha na Serra da Aboboreira, bem como dos nossos trabalhadores braçais, que se encarregaram das tarefas mais pesadas e da consolidação final dos cortes e de partes arruinadas do corredor.

- (15) A pavimentação desta última área foi feita com o fim de facilitar a conservação dos muros laterais, mantendo limpa a zona de acesso ao monumento. A solução dos muros de blocos teve em vista, exclusivamente, a protecção dos cortes produzidos; o seu efeito estético não é certamente o melhor, mas foi o possível, com os meios que tínhamos ao nosso dispor. De qualquer forma, os Serviços do Património poderão, em qualquer momento, optar por outro sistema que considerem mais adequado, incluindo o puro e simples entulhamento de toda a área escavada de frente do corredor. Seja qual for a solução adoptada, porém, ela deverá ter em conta os resultados e as hipóteses de natureza científica aduzidas no nosso trabalho.
- (16) Lembramos que na Mamoa 2 de Outeiro de Gregos, cujo *tumulus* e área imediatamente envolvente foram integralmente decapados, se encontraram, na periferia NE do monumento, "(...) três concentrações de grandes seixos de quartzo leitoso rolados, partidos, formando uma espécie de pequenos lajeados, assentes sobre o granito da base (...)". (V.O. Jorge, A Mamoa 2 de Outeiro de Gregos — Serra da Aboboreira, Baião, *Revista de Guimarães*, vol. XC, 1980, p. 194). Aqui estamos perante "estruturas" inequivocamente intencionais, certamente ligadas a qualquer aspecto simbólico e ritual. No caso de Chã de Parada 1, ou admitimos que os fragmentos de quartzo se espalharam em torno do mencionado veio dessa rocha, de forma natural ou devido a factores humanos anteriores ao *tumulus*, ou os relacionamos com este, havendo nesse caso que valorizar o facto de parecerem concentrar-se na periferia do montículo; mas só uma abertura de sondagens noutros pontos da mamoa poderá ajudar-nos a decidir entre uma ou outra hipótese.
- (17) Utilizamos a palavra "galeria" como sinónimo de corredor, por uma conveniência de redacção. O muro a que nos referimos deve datar da passagem de Serpa Pinto pelo local, nos anos trinta.
- (18) Escavação da responsabilidade de Huet Bacelar Gonçalves, que tivemos a oportunidade de visitar detalhadamente. Neste monumental

dólmen de corredor observamos uma mamoa cujas estruturas fronteiras à entrada da galeria se encontram extremamente bem preservadas, e apresentam características que, em maior dimensão, se aproximam das de Chã de Parada 1, ajudando a esclarecer estas últimas. No entanto, aquilo que no monumento de Baião designámos "estrutura de fecho" estaria no dólmen de Sabrosa muito mais próximo da entrada do corredor. Aguardamos com vivo interesse a publicação dos resultados da escavação do monumento transmontano, cuja visita aconselhamos a todos os arqueólogos consagrados ao megalitismo, e muito particularmente ao estudo de dólmenes de corredor em que este último, sendo de curta ou média dimensão, não atinja o limite externo da mamoa. Desde já podemos afirmar que as observações feitas nos dois monumentos citados são inéditas no nosso país, seja porque as estruturas que revelaram nunca tinham antes surgido, seja porque passaram despercebidas aos investigadores. Elas vêm confirmar que uma escavação nunca é uma operação de rotina, pondo cada caso problemas próprios e exigindo uma certa finura de análise por parte do arqueólogo, que tem de estar atento à especificidade de cada caso (este ponto devia ser cuidadosamente ponderado por todos os candidatos a "escavadores" e pela entidade responsável pelas autorizações de tais trabalhos, ou seja, o IPPC).

- (19) Cremos ter ainda reconhecido algumas pequeníssimas manchas de pintura a vermelho nesta laje de cabeceira, o que no entanto terá de ser testado por métodos fotográficos adequados. É grande a urgência de proteger este dólmen através de uma vedação; esta, porém, a atender à experiência obtida com outras mamoas já vedadas na Serra, e sistematicamente vandalizadas, não passará de um obstáculo à penetração do gado, o que todavia já justifica o investimento. A consciencialização da população para o interesse em salvaguardar este e outros monumentos tem sido uma preocupação constante dos membros do C.A.S.A.; cremos porém que as principais depredações provêm de visitantes ocasionais, sendo extremamente difíceis de controlar, dado o carácter ermo da região. Neste domínio, todos os esforços e boas intenções chocam com uma realidade do nosso povo, genericamente considerado, que é a sua falta de civismo e de cultura, realidade essa tão profundamente enraizada que só a longo prazo irá sendo combatida. Esperemos que se alcancem resultados antes que tudo, ou



quase tudo, esteja danificado... Talvez que a edição de pequenas brochuras para as escolas do ensino primário devesse ser uma acção prioritária, a desenvolver pela S.E.C. em colaboração com outros departamentos do Ministério da Educação, e com as próprias autarquias. Desenhos deste dólmen feitos pelas crianças das escolas primárias de Baião, que os respectivos professores ali levaram em visita, deixam-nos uma réstea de esperança no sentido de que as futuras gerações de adultos acariñarão de outro modo um património que é antes de tudo seu. Só se pode proteger o que se *compreende*, o que se sente como um *bem colectivo*, e não o que se encontra rodeado de rede ou arame farpado, que por vezes só excitam o espírito de destruição.

- (20) As medidas indicadas para cada rectângulo correspondem aos seus lados norte e oeste (seg. esta ordem).
- (21) G.E.E.M., *Épipaléolithique-Mésolithique. Les microlithes géométriques*, *Bull. Société Pré-hist. Française*, 66, 1969, E.T., pp. 355-366.
- (22) Coordenadas: x — distância em relação ao lado N. do quadrado de 2 m de lado; y — *idem* em relação ao lado E.; z — profundidade em relação ao nível 0 convencional (topo do chapéu da anta). As camadas estão simplificada-mente indicadas, sem subdivisões ou outros detalhes complementares: a camada 2 pode ser também a 2a ou a 2b, ou a sua "variante" 2'.
- (23) Agradecemos a Huet Bacelar Gonçalves, do Inst. de Antropologia da F.C.U.P., a determinação de diversas matérias-primas mais difíceis para não geólogos.
- (24) Em regra, trata-se das dimensões máximas, sendo o comprimento (ou a altura) e a largura tirados segundo direcções perpendiculares.
- (25) Largura das lamelas: inf. a 1,2 cm. V. J.M. Merino, *Tipología Lítica*, *Munibe*, año XXI, 1-3, 1969, p. 18.
- (26) G. e V. Leisner, *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel; Der Suden*, Berlim, Walter de Gruyter, 1943, 2 vols.
- (27) V. Leisner, G. Zbyszewski e O. Veiga Ferreira, *Les Grottes Artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1961, pp. 34 e seg.
- (28) V. F.A. Silva, A Mamoa 2 da Serrinha. Serra da Aboboreira (Baião), *Arqueologia*, n.º 6, Dez. 1982, pp. 19-31.
- (29) V. V.O. Jorge, Les tumulus de Chã de Santinhos (ensemble mégalithique de Serra da Aboboreira, Nord du Portugal), *Arqueologia*, n.º 12, Dez. 1985, pp. 96-128.
- (30) V. V.O. Jorge *et alii*, As Mamoas de Furnas (Serra da Aboboreira), *Arqueologia*, n.º 16, Dez. 1987, pp. 19-39. Aproveitamos para corrigir uma gralha deste artigo: as legendas das figuras 25 e 26 (pág. 38) encontram-se trocadas.
- (31) *V. op. cit.* na nota anterior, pp. 36 e 37.
- (32) V. S. Lopez Plaza, Aportacion al conocimiento de los poblados eneolíticos del SO. de la Meseta N. española: la ceramica, *Setúbal Arqueológica*, vol. V, 1979, pp. 67-102; Luciano Municio e M. Ruiz-Galvez Priego, Un nuevo yacimiento neolítico en la Meseta Norte: las ceramias decoradas de la Cueva de la Nogaleda, Villaseca (Segovia), *Numantia*, II, 1986, pp. 143-157; Luciano Municio, El Neolítico en la Meseta Central española, *El Neolítico en España*, Madrid, Ed. Cátedra, 1988, pp. 299-327.
- (33) S.O. Jorge, *Povoados da Pré-história Recente da Região de Chaves — Vila Pouca de Aguiar*, Porto, Instituto de Antropologia da Faculdade de Letras, 1986 (3 vols.). O leitor encontrará nesta obra — uma das mais exaustivas já mais publicadas sobre um tema de Pré-história Recente peninsular — todo um repositório de dados sobre as cerâmicas daquele período no NW ibérico, inserido num amplo contexto problemático.
- (34) J. Martínez e A. Valera, comunicação apresentada ao 1º Colóquio Viseense de Arqueologia, Viseu, Abril de 1988.
- (35) V. A. Rodríguez Casal, A cerâmica campaniforme de "A Mina de Parxubeira" (Comarca de Xallas, Galiza), *El Museo de Pontevedra*, XXXVI, 1982, pp. 167-177; Monserrat García-Lastra Merino, Primeros resultados de la campaña de excavaciones arqueológicas 1982, en el yacimiento campaniforme de "O Fixón" (Hfo, Cangas de Morrazo, Pontevedra), *Pontevedra Arqueológica*, I, 1984, pp. 113-134.
- (36) *V. op. cit.* na nota 33 *supra*.
- (37) A.A.H. Bacelar Gonçalves, Escavação da Mamoa n.º 2 de Outeiro de Ante — Serra da Aboboreira — Baião, *Arqueologia*, n.º 9, Junho 1984, pp. 22-42.
- (38) Consulte-se a obra citada na nota 33 *supra*.
- (39) Lamentamos não ter sido possível a este investigador o envio para publicação, neste volume, de um resumo dos seus trabalhos, solicitado a todos os colaboradores do C.A.S.A. com mais de um ano de antecedência em relação à data de entrega dos originais para composição (V. O.J.).

- (40) Agradecemos a Huet Bacelar Gonçalves esta determinação.
- (41) Agradecemos ao Senhor Prof. Caria Mendes a amabilidade da sua colaboração.
- (42) Mais uma vez expressamos o nosso reconhecimento ao Senhor Eng.<sup>o</sup> A.R. Pinto da Silva por este novo contributo prestado ao C.A.S.A., com o qual colabora há vários anos, razão pela qual temos a honra de o considerar como um membro da nossa equipa.
- (43) Entretanto, em Julho de 1987, o Senhor Prof. Rui Pinto Ricardo, a quem agradecemos a colaboração que conosco vem mantendo desde 1978, enviou-nos os resultados das análises respeitantes a amostras colhidas pela equipa do Centro de Pedologia na Mamoa 1 de Outeiro de Ante, e, por nós, nas mamoas de Outeiro de Gregos 2 e 3, Chã de Santinhos 2, Furnas 2 e Meninas do Crasto 3. Em carta de Abril de 1988 o mesmo investigador remeteu-nos alguns comentários a esses dados, dos quais se podem inferir duas conclusões de grande importância científica:
- a) a fossa de Chã de Santinhos 2 não continha fósforo em grande quantidade (ele diminui da amostra 1 para a 5, isto é, à medida que se "desce" na mesma cavidade), o que parece pôr em causa a sua interpretação funerária. Tratar-se-ia de um monumento meramente ritual? (*v. op. cit.* na nota 29 *supra*, fig. 23, pág. 115; os locais das 5 recolhas estão assinalados por pontos negros, e numerados de 1 a 5);
  - b) os teores de fósforo, nos níveis de base das mamoas, subjacentes às mesmas, e que temos considerado como restos de solos antigos enterrados, são significativamente elevados em todos os casos analisados, confirmando as observações feitas para a Mamoa do Monte da Olheira (Ricardo e Madeira, *Arqueologia*, 13, Junho 86, pp. 140-143).
- (44) Antón Rodríguez Casal apresentou ao IV Congresso Nacional de Arqueologia (Faro, Março de 1980), cujas Actas nunca foram publicadas (facto cujas consequências negativas para o prestígio da Arqueologia do nosso país é desnecessário salientar), uma comunicação inti-

tulada "A Anta de "A Parxubeira" na bisbarra de Xallas (Galiza)". No respectivo resumo, afirmava: "A masa tumular estava formada por unha morea de terra moura misturada con candullos de diversos tamaños que no fondo, directamente sobre o xabre e mesmo diante do corredor, conformaban unha especie de enlousado." O mesmo autor, em comunicação publicada nas Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste (*Portugalia*, nova série, vol. IV/V, 1983/84, pp. 47-51) refere-se novamente ao aparecimento, na Galiza, de "corredores com enlousados (Parxubeira)" (pág. 48). Por seu turno, R. Fabregas Valcarce e F. Criado Boado, em comunicação feita ao Congresso Mundial de Southampton (Inglaterra, Setembro de 1986), intitulada "Some aspects of the megalithic culture of NW Iberia" (cujo texto foi distribuído aos participantes), tocam num ponto extremamente importante ao referirem que "Some of the biggest and most complex megalithic monuments from Galicia present dry-stone walls which continue the passage across the mound. Sometimes they are associated with little stone pavements. (...) it is there, in excavations conducted in the last years, that stone idols with anthropomorphic figurations were recovered." (pág. 6). Num modelo evolutivo do "complexo megalítico galego" que constitui a fig. 9 da citada comunicação, inserem o desenho esquemático da planta de um dólmen de corredor curto, que parece prolongar-se para o exterior por estruturas laterais em pedra miúda, que corresponderiam, julgamos, às referências feitas no texto acima citado. Apesar da escassez de informações que possuímos, parece-nos que os dados acima citados poderão vir a ser importantes para um melhor enquadramento dos resultados das escavações em Chã de Parada 1 e em Madorras 1. É um assunto que esperamos debater com os colegas galegos no próximo Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Setembro 88), em que o megalitismo da Galiza e do Norte de Portugal será um dos principais temas em foco. Aliás, consideramos este n.<sup>o</sup> especial de *Arqueologia* como um "texto de apoio" para os debates de tal reunião científica.